

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS

VALDISNÉIA LUCIA DE SOUSA

**MARCAS DO LATIM VULGAR/PORTUGUÊS ARCAICO NA COMUNIDADE DE
CALDEIRÃO DOS LUÍS-SÃO JOSÉ DO PIAUÍ**

PICOS – PI

2016

VALDISNÉIA LUCIA DE SOUSA

**MARCAS DO LATIM VULGAR/PORTUGUÊS ARCAICO NA COMUNIDADE DE
CALDEIRÃO DOS LUÍS-SÃO JOSÉ DO PIAUÍ**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras - Português, da Universidade Federal do Piauí - CSHNB, como requisito parcial para a conclusão do curso.

Orientador: Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros

PICOS-PI

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

S5m72 Sousa, Valdisnéia Lucia de

Marcas do latim vulgar/português arcaico na comunidade de Caldeirão dos Luís-São José do Piauí / Valdisnéia Lucia de Sousa.– 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (62 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras-Português) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientador(A): Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros.

1. Variação Linguística. 2.Variação Diacrônica.
3.Arcaísmos Linguísticos-Língua Portuguesa. I. Título.

CDD 417



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às 16:15 horas do dia 01 de agosto do ano de dois mil e dezesseis, na sala 831, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos - PI, sob a presidência do Prof. Luiz Epitafio de Souza Barros, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria do aluno Valdivanora Lúcia de Sousa, do curso de Letras desta Universidade com título,

Monografia de Letramento Cultural/propriedades orais na comunidade
Estudantes dos municípios de São João do Piauí.

A Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof. Luiz Epitafio de Souza Barros (orientador - presidente), Prof. Fernanda Martins dos Barros (1º examinador) e Prof. Edilane Vitória Cardoso (2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação do aluno pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, foram sugeridas algumas modificações e correções. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo o aluno obtido às seguintes notas: 10,00 (EXTENSO); 10,00 (EXTENSO) e 10,00 (EXTENSO). Apuradas as notas verificou-se que o aluno foi aprovado com média geral 10,00 (30,00) (EXTENSO). E para constar, eu, Luiz Epitafio de Souza Barros, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 01 de agosto de 2016.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Luiz Epitafio de Souza Barros
Presidente

Fernanda Martins dos Barros
1º examinador

Edilane Vitória Cardoso
2º examinador

À VOVÓ,

Maria Hosana (*in memoriam*), minha segunda
mãe, pelo amor que me dedicaste e pelas mãos
que me seguraram sempre que ia cair.

AGRADECIMENTOS

Levando-se em consideração que este trabalho é o resultado de uma longa jornada, por onde passaram diferentes pessoas, eu não poderia deixar de agradecê-las.

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, ser responsável por tudo de bom na minha vida. Obrigado Senhor, por ser meu principal socorro nas horas de angústias, me dando equilíbrio e renovando minha força e disposição ao longo dessa caminhada.

Agradeço às minhas mães, mãe e vó (*in memoriam*), meus maiores exemplos. Sou grata pela dedicação e cuidado, por cada incentivo e orientação, que foram minha primeira base de educação. Agradeço pelo apoio constante em todas as etapas da minha vida. Obrigada mãe, pelas tantas noites de sono tardio a minha espera, nunca teria palavras suficientes para agradecer por tudo, amo vocês!

A meu namorado, Brás Junior, melhor companheiro de todas as horas. Agradeço a essa pessoa, com quem partilho a vida, pelo amor, carinho, paciência e pela transmissão de tranquilidade nos momentos mais difíceis. Obrigada pela segurança repassada por meio dos abraços. Te amo!

Não poderia deixar de agradecer a um dos principais responsáveis pela realização dessa etapa, meu orientador e minha principal referência no meio acadêmico, professor Luiz Egito. Obrigada pela dedicação, pela disponibilidade, por ouvir minhas considerações e por partilhar comigo seus conhecimentos. Minha formação, não só acadêmica, jamais teria sido a mesma sem a sua presença, meu muito obrigado!

Agradeço aos demais professores do curso de Letras, pelos conhecimentos compartilhados, e por fazerem parte de minha formação. Em especial à professora Fernanda Martins, pelas contribuições na realização desse estudo, pela disponibilidade e atenção.

Aos colegas de classe, em especial à Amanda, Francisca e Lucielma, minhas companheiras ao longo do curso, obrigada pelo apoio, conselhos, companheirismo e amizade, amizade essa que preservarei eternamente.

Enfim, meus sinceros agradecimentos a todos que de alguma forma doaram um pouco de si para a realização desse sonho.

RESUMO

O presente trabalho trata sobre a variação linguística, com especial atenção à variação diacrônica. Assim abordaremos o conservadorismo linguístico, que é responsável pela preservação das formas arcaicas da língua. Nosso objetivo de estudo é comprovar se a vida em uma comunidade rural guarda traços linguísticos da língua de muitos anos atrás, para isso buscamos saber se o conservadorismo linguístico está presente em Caldeirão dos Luís, uma comunidade rural de São José do Piauí. Para tanto, identificamos arcaísmos linguísticos presentes na comunidade, buscando correlacioná-los ao isolamento, à idade e ao grau de escolaridade, como principais fatores que favorecem a preservação de uma língua. A obtenção do *Corpus* se deu por meio da gravação da fala de 22 informantes da comunidade. A pesquisa bibliográfica foi embasada em discussões propostas por teóricos da sociolinguística, da linguística histórica, além de dicionários. Dentre os autores que nos deram suporte, destacamos Bagno (2003; 2007), Bortoni-Ricardo (2005), Monteiro (2000), Faraco (2005), Silva Neto (1977), Tarallo (1990; 2003), Busarello (2004), Cunha (1986), Torrinha (1937), entre outros. Com base nas pesquisas, foi possível concluir que a comunidade de Caldeirão dos Luís guarda muitas formas antigas da língua, isso, provavelmente, devido ao isolamento – geográfico e cultural – da comunidade, associado à idade e a escolaridade dos informantes.

Palavras-chave: Variação Linguística. Variação Diacrônica. Inovação x Conservadorismo. Arcaísmos Linguísticos.

ABSTRACT

This work deals with the linguistic variation, with special attention to the diachronic variation. So we will discuss the linguistic conservatism, which is responsible for the preservation of archaic forms of language. Our objective study is to prove whether life in a rural community guard linguistic features of the language many years ago, so we seek to know if the linguistic conservatism is present in Caldeirão dos Luís, a rural community of São José do Piauí. Therefore, we identified linguistic archaisms in the community, trying to correlate them to isolation, age and level of education as the main factors that favor the preservation of a language. Obtaining the Corpus was through the recording of the speech of 22 community informants. The literature search was based on theoretical discussions proposed by the sociolinguistics, the historical linguistics, and dictionaries. Among the authors who have given us support, we highlight Bagno (2003; 2007), Bortoni-Ricardo (2005), Monteiro (2000), Faraco (2005), Silva Neto (1977), Tarallo (1990; 2003), Busarello (2004) Cunha (1986), Torrinha (1937), among others. Based on research, it was concluded that the Caldeirão dos Luís' community holds many ancient forms of the language, it probably due to isolation - geographical and cultural - of the community associated with age and educational level of the informants.

Keywords: Linguistic Variation. Diachronic Variation. Innovation x Conservatism. Linguistic Archaisms.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	13
1.1. Variação Diastrática.....	14
1.2. Variação Diafásica.....	15
1.3. Variação Diatópica	16
1.4. Variação Diacrônica	17
1.5. O que varia nas línguas?	19
1.6. Variação e Mudança	20
2. HISTÓRIA EXTERNA DA LÍNGUA PORTUGUESA	22
2.1. História Interna da Língua Portuguesa	25
3. INOVAÇÃO X CONSERVADORISMO	29
4. PRECONCEITO LINGUÍSTICO	34
5. METODOLOGIA	36
6. OS ARCAÍSMOS LINGUÍSTICOS EM CALDEIRÃO DOS LUÍS	38
6.1. Arcaísmos Lexicais.....	38
6.2. Arcaísmos Fonéticos.....	44
6.2.1. O “l” em final de sílaba	47
6.2.2. Os verbos iniciados com “a”	49
6.3. Registros dos arcaísmos em textos antigos	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
ANEXOS	58

INTRODUÇÃO

Esse trabalho, de caráter sociolinguístico, trata sobre a forma como uma comunidade rural pode favorecer a preservação de uma língua. Assim, abordamos como, no século XXI, a presença de formas lexicais e fonéticas do latim vulgar/português arcaico ainda é recorrente na fala de brasileiros, que vivem em comunidades rurais. Centramos nossa pesquisa na fala dos moradores de Caldeirão dos Luís, uma pequena comunidade rural de São José do Piauí.

Nosso objetivo ao fazermos essa pesquisa é comprovar se o conservadorismo linguístico é favorecido em comunidades rurais, para isso, buscamos identificar formas arcaicas da língua portuguesa na fala da referida comunidade. Essas formas dizem respeito a marcas fonéticas e marcas lexicais arcaicas do português ou latim vulgar. Após a identificação, fazemos a comparação das formas antigas encontradas com as formas latinas ou neolatinas que lhes deram origem, mostramos também o emprego de alguns desses arcaísmos em textos antigos.

Com base nos teóricos da sociolinguística, podemos dizer que os principais fatores que condicionam o conservadorismo linguístico, são o isolamento geográfico, que também dá origem ao isolamento cultural, a baixa escolaridade e a faixa etária. Assim, buscamos encontrar formas antigas da língua, na comunidade de Caldeirão dos Luís, procurando comprovar se são realmente esses fatores que condicionam a conservação de uma língua, e de que forma eles estão presentes nos registros linguísticos dessa comunidade.

A realização desse trabalho é importante, por mostrar um modo “diferente” de falar de uma comunidade linguística, contribuindo assim para amenizar o preconceito linguístico existente até os dias atuais. Assim, também pode ajudar os professores de língua portuguesa a lidarem de uma melhor forma com os diferentes modos de falar de seus alunos, tendo em vista que estas formas arcaicas constituem variantes diacrônicas do português e são, ao lado de outras variantes, formas legítimas de expressão.

Além disso, ganha importância por mostrar uma região do Brasil que guarda um pouco da língua antiga, contribuindo assim, para a história da língua portuguesa, com dados concretos que mostram as transformações pelas quais ela passou. Com isso, pode nos ajudar, enquanto falantes do português e futuros profissionais, a conhecer de forma um pouco mais aprofundada a língua que falamos.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que ele mostra que o latim, considerado língua morta, de certa forma ainda permanece vivo, mesmo que seja apenas na fala de alguns falantes do português, moradores de zonas rurais, e que se encontram afastados da cultura letrada. Por outro lado, vale ressaltar que até mesmo na cultura letrada há exemplos, como no direito, na biologia, na química, na sociologia, dentre outras ciências, onde o latim está presente e desempenha papel importante.

A realização do trabalho se deu para tentar responder ao seguinte questionamento: a vida em uma comunidade rural pode favorecer a preservação de formas arcaicas da língua nativa? Para encontrar as respostas para esse questionamento, levantamos algumas hipóteses, como a de que há uma abundância de resquícios do latim vulgar/português arcaico presente na variedade falada pelos moradores da comunidade de Caldeirão dos Luís.

Partindo-se deste questionamento, acreditamos que o conservadorismo linguístico é uma das características da comunidade pesquisada, e este decorre do isolamento desta em relação à cultura letrada, que favorece a preservação das formas arcaicas da língua. Essa preservação pode ser ainda mais favorecida a partir da junção de outros traços aliados ao fato de ser uma comunidade rural, a exemplo a idade, visto que as pessoas mais idosas exibem formas linguísticas adquiridas no passado.

Assim como a idade favorece a preservação da língua, a baixa escolaridade também influencia, já que a escola procura impor a norma padrão da língua, como se existisse apenas uma língua comum a todos os brasileiros e exerce uma resistência à aceitação de variações linguísticas que representam a fala de comunidades desprestigiadas socialmente. Acreditamos ainda que as pessoas de Caldeirão dos Luís podem sofrer preconceito, pelo fato de viverem em uma comunidade rural, associado ao seu modo “diferente” de falar, caracterizando assim, o preconceito linguístico.

Para a realização do trabalho recorreremos aos teóricos da sociolinguística e da linguística histórica, como Bagno (2003; 2007), Bortoni-Ricardo (2005), Monteiro (2000), Faraco (2005), Silva Neto (1977), Tarallo (1990; 2003). Utilizamos também o *Corpus* coletado, por meio da pesquisa, em Caldeirão dos Luís. E ainda, fizemos uso de dicionários, de Busarello (2004), Cunha (1986), Torrinha (1937).

O presente trabalho é composto desse tópico introdutório, em seguida passamos para a fundamentação teórica. No primeiro capítulo, abordamos sobre a variação linguística e os

diferentes tipos, tratamos ainda sobre em quais planos linguísticos a variação ocorre e sobre a relação existente entre variação e mudança. No segundo capítulo, expomos a história externa e interna da Língua Portuguesa. No capítulo seguinte falamos sobre a dicotomia “inovação x conservadorismo”. E no quarto abordamos sobre como o preconceito linguístico pode atingir as pessoas que usam formas arcaicas da língua. Após o referencial teórico, temos o capítulo onde expomos a metodologia adotada na realização da pesquisa. E por fim, o capítulo onde fazemos a análise da fala dos informantes.

1. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua por muitos anos foi considerada uma instituição homogênea. Essa visão foi tida inicialmente pelo linguista suíço Saussure, que definiu a língua como um sistema imposto ao falante pela sociedade, esse sistema seria um conjunto de signos exterior ao indivíduo, não podendo ser modificado por ele. Assim, a língua para ele comporta apenas o que é interior a ela, (SAUSSURE, 1995). Com o passar dos anos, essa realidade foi mudando aos poucos, de modo que hoje é perfeitamente aceitável a ideia de que na realidade toda e qualquer língua é um conjunto de variedades, não constituindo assim, um todo homogêneo.

Alguns fatos linguísticos são perceptíveis por qualquer falante, por exemplo, o fato de que duas pessoas não falam da mesma forma, que nenhuma pessoa se expressa sempre da mesma maneira, e que uma palavra ou expressão que tem certo significado em uma determinada cultura, pode perder esse significado e ganhar outro de acordo com a comunidade em que está inserida. Essas diferentes formas de se utilizar uma mesma língua é o que caracteriza a variação linguística. A partir desse entendimento, compreendemos então que a língua não é uma instituição homogênea, e que a variação linguística é uma de suas características.

Fica mais evidente porque a variação linguística é traço marcante em todas as línguas, se levarmos em consideração o fato de que as sociedades divergem entre si, assim como nenhum indivíduo é semelhante a outro, logo, o mais natural é que a língua, que é uma instituição social e sempre reflete a sociedade em que está inserida, e que é parte constitutiva do ser humano, se manifeste de diferentes formas.

Monteiro (2000, p. 57) trata a variação como característica natural das línguas, de modo que chega a afirmar que “... a variação é essencial a própria natureza da linguagem humana e, sendo assim, dado o tipo de atividade que é a comunicação linguística, seria a falta de variação no sistema que necessitaria ser explicitado.”

Sabendo que a variação é fato comum em todas as línguas, precisamos compreender agora que ela pode ser condicionada por diferentes fatores, que são as variáveis sociais. E, conseqüentemente esses fatores dão origem a diferentes tipos de variações linguísticas. Os teóricos da sociolinguística denominam quatro tipos diferentes, a variação diastrática, a variação diafásica, a variação diatópica e a variação diacrônica, para a qual daremos maior ênfase nesse trabalho. Posteriormente trataremos detalhadamente sobre cada tipo de variação.

Uma distinção se faz necessária, e diz respeito aos diferentes sentidos que o termo variável pode comportar. Ele significa tanto os elementos extralinguísticos que influenciam o modo de se utilizar uma língua, CAMACHO (2006), como pode significar as “duas ou mais formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo...” (MONTEIRO, 2000, p. 59). Assim, existem as variáveis sociais, que são os elementos extralinguísticos que influenciam o modo pelo qual uma determinada unidade linguística se manifesta. E existem também as variáveis linguísticas, que constituem o conjunto de variantes, ou seja, as diferentes formas de se expressar o mesmo conteúdo informativo.

É válido ressaltar que é necessário certo cuidado na hora de definir que uma variação linguística é decorrente de determinado fator e não de outro, tendo em vista que uma variedade linguística pode ser motivada por mais de uma variável social. Pois, como afirma Alkmim (2006, p. 39) os fatores que condicionam a presença de determinada variante podem se encontrar imbricados em uma mesma sociedade, sendo assim, algumas vezes uma variedade linguística pode estar relacionada a mais de uma variável, é dessa forma que “no ato de interagir verbalmente, um falante utilizará a variedade linguística relativa a sua região de origem, classe social, idade, escolaridade, sexo, etc. e segundo a situação em que se encontrar” (*Ibid*).

1.1. Variação Diastrática

Como dissemos anteriormente, existem diferentes tipos de variação, um desses tipos é a variação diastrática. Esse tipo de variedade linguística, também chamada de variação social ou sociocultural, é a que é decorrente de fatores que estão relacionados aos falantes ou a comunidade na qual estão inseridos. Podemos citar como exemplo de variação diastrática, uma diferença linguística encontrada de acordo com o sexo, que é o emprego de palavras no diminutivo por mulheres. Alkmim (2006, p. 35) diz que é possível “apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social”.

Dessa forma, entende-se que a variação diastrática compreende as diferenças linguísticas presentes em um mesmo espaço territorial. Maia (2006, p.158) denomina as variações diastráticas como as diferenças linguísticas que ocorrem “no âmbito de uma comunidade específica localizada em uma mesma região geográfica, caracterizando o que se tem chamado de dialetos sociais ou socioletos”. E posteriormente afirma que

As variantes sociolinguísticas ocorrem em todas as sociedades e estão diretamente relacionadas às categorias através das quais cada sociedade se organiza. Nem sempre essas categorias permitem uma diferenciação nítida entre si, formando um sistema complexo em que cada fator entrecruza-se com os demais.

Pode-se afirmar assim, que em uma mesma comunidade os fatores socioeconômicos, biológicos ou culturais podem condicionar diferenças linguísticas, e esse condicionamento pode ocorrer por parte de um desses fatores ou do entrecruzamento entre eles.

E ainda segundo Camacho (2006), alguns fatores que originam a variação diastrática, entre os quais a idade, o sexo e a profissão podem criar uma oposição entre dois tipos de linguagem: a linguagem comum – que se refere ao conjunto lexical e sintático comum a todos os indivíduos pertencentes a uma comunidade linguística relativamente homogênea; e as linguagens especiais – que é o conjunto das variedades dialetais próprias das diferentes subcomunidades linguísticas.

1.2. Variação Diafásica

Esse tipo de variação se caracteriza pelo fato “óbvio”, de que um mesmo falante nunca fala da mesma forma em todas as situações comunicativas. Como exemplo podemos citar o modo de se comunicar de um aluno, a forma com que ele se expressa em um seminário é totalmente diferente da que ele utiliza para conversar com os colegas durante o intervalo, a primeira situação exige um estilo mais formal, enquanto o segundo um estilo de fala mais casual.

Também chamada de variação estilística, situacional ou de registro, considera-se que a variação diafásica é ocasionada por um único fator, que é o contexto, a situação de comunicação. Porém, acreditamos que a escola pode desempenhar um importante papel na existência desse tipo de variação, tendo em vista que é seu papel tornar o aluno um falante competente, e um falante competente é aquele que consegue utilizar a língua de diferentes formas de acordo com a situação de comunicação.

A variação diafásica ainda é vista como o resultado da adequação do falante às finalidades do seu processo interacional. Essa adequação é feita por meio de uma reflexão feita pelo indivíduo, que seleciona as formas para compor seu enunciado. Essa reflexão é feita a partir do grau de formalidade da situação, assim, quanto menos informal for a situação, maior será a preocupação com a formalidade (CAMACHO, 2006).

Maia (2006, p. 166) cita alguns fatores que podem ser considerados relacionados ao contexto e que caracterizam a variação diafásica, ele afirma que

O ambiente físico, o contexto social ou cultural, o tema da fala, o grau de intimidade entre os interlocutores, os elementos emocionais são, todos, fatores inter-relacionados e, muitas vezes, sobrepostos, que caracterizam as chamadas variantes situacionais de fala, também denominadas de registros ou níveis de fala.

Esse tipo de variação faz surgir os diferentes níveis de formalidade em que um discurso pode se manifestar. E esse nível varia desde o coloquial até o formal, o que irá definir em que grau de formalidade um enunciado se encontra é a maior ou menor presença de formas cultas da língua, o que se supõe que qualquer falante consiga fazer, como vemos na afirmação, (MONTEIRO, 2000, p. 64):

Labov nos diz que não existem falantes de estilo único. Há informantes que apresentam um campo de alternâncias estilísticas mais amplo do que outros, mas todos demonstram modificação de algumas variáveis à medida que mudam o contexto social e o tema.

Como podemos ver, há uma suposição de que todo falante utiliza esse tipo de variação, já que ele participa de diferentes tipos de situações comunicativas, sendo, pois, preciso adequar o seu discurso, utilizando para isso a língua nos seus mais diversos estilos de formalidade.

1.3. Variação Diatópica

Diferentemente da variação diastrática, que está presente em um mesmo território, o fator principal para a existência da variação diatópica é o espaço geográfico. Esse tipo de variação compreende as diferenças linguísticas que ocorrem na língua de acordo com a região. Por exemplo, as diferenças linguísticas que existem entre o português do sul e o português do nordeste do Brasil, que são observáveis por qualquer falante, escolarizado ou não.

Camacho (2006) afirma que esse tipo de variação decorre do fato de que quanto mais contato existe entre os falantes de uma língua, maiores serão as semelhanças linguísticas. Assim sendo, a variação diatópica resulta da semelhança entre os atos verbais dos indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade, já que é essa semelhança que faz surgir o dialeto de determinadas regiões.

É comum ouvirmos falar que a língua é a expressão de quem a utiliza, e esse é outro fator que dá origem a variação diatópica, o fato de que geralmente os indivíduos que pertencem a um mesmo território geográfico tendem a formar grupos isolados, onde alguns aspectos são usados como forma de identificação. Assim, a língua, que reflete os diferentes grupos sociais, é usada como uma forma de caracterização desses grupos, que compartilham muitos traços culturais, inclusive a língua. Camacho (2006, p. 58) esclarece esse ponto ao afirmar que

[...] os indivíduos nativos de determinado setor geográfico orientam-se para um centro cultural, política e economicamente polarizador. Constitui-se, assim, uma comunidade linguística geograficamente restrita, inserida no interior de uma mais extensa e abrangente. Mediante a atração geográfica e a contiguidade física é que se desenvolve um comportamento cultural específico que identifica os membros de uma comunidade e os distingue de outras.

Verdade é que, diferenças linguísticas decorrentes do espaço geográfico fazem parte de qualquer língua, já que como é possível perceber, nenhuma língua se mantém homogênea em todo o território onde é falada. E podemos dizer ainda que talvez seja o espaço geográfico um dos fatores que mais marcam o modo de falar de um indivíduo, já que “um dos traços mais marcantes da identidade característica de uma pessoa é, sem dúvida, a sua origem geográfica” (MAIA, 2006, p. 152).

1.4. Variação Diacrônica

Ao contrário dos tipos de variantes supracitadas, que ocorrem no plano sincrônico, ou seja, que são originadas em um mesmo espaço temporal, esse tipo de variação se caracteriza pelo fato de apesar de conviverem em um mesmo espaço de tempo, as variedades linguísticas são decorrentes de tempos diferentes e representam momentos diferentes da língua.

São as variações que são observáveis em um dado momento da língua em uma mesma comunidade, mas que guardam traços da época em que cada variante surgiu. Essas variantes são percebidas a partir da comparação de fatos linguísticos que, mesmo convivendo em um mesmo momento, retratam épocas distintas, ou seja, são contemporâneas, mas, tendo surgido em épocas distintas, apontam para a mudança linguística. Como exemplo claro de variação diacrônica, temos o convívio de “*nós*” e “*a gente*”, o primeiro usado pelas pessoas mais velhas e o segundo usado pelos mais jovens.

Essas variações, cujo principal fator condicionante é a passagem do tempo, estão presentes em todas as línguas, já que é possível encontrar muitas diferenças linguísticas se compararmos a fala de falantes de gerações distintas. Essa comparação pode ser feita de diversas formas, com base em textos, ou na fala de pessoas de diferentes faixas etárias. Por meio dessa comparação encontraremos, com certeza, muitos traços linguísticos que diferenciam a língua usada nos dois momentos.

Esse tipo de variação ocorre pelo fato de que cada geração de falantes exibe a forma linguística adquirida na juventude, que se mantém inalterada após a adolescência. Como afirma Naro (2004, p. 44) “o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e a partir desse momento a língua do indivíduo fica essencialmente estável”. Naro ainda afirma que

O estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade. Assim sendo, a fala de uma pessoa com 60 anos hoje representa a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa com 40 anos hoje nos revela a língua de há apenas vinte e cinco anos (*ibid*).

Ora, assim fica fácil de compreender como existem as diferenças linguísticas resultantes da passagem do tempo, elas existem pelo fato de termos convivendo em sociedade pessoas de diferentes faixas etárias, onde cada uma exibe a língua adquirida em diferentes tempos.

Pode-se também afirmar que esse tipo de variação está presente em todas as línguas, e que ela aponta para a mudança linguística, já que, como afirma Alkmim (2006, p. 33), “todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas”, o que quer dizer que toda língua é resultado de transformações ao longo do tempo. E “as gerações sucessivas de indivíduos legam a seus descendentes o domínio de uma língua particular” (*ibid*), sendo assim “as mudanças temporais são parte da história das línguas.” (*ibid*).

Maia (2006, p. 167) evidencia a existência desse tipo de variação dizendo que

Uma língua está em permanente transformação. Não falamos hoje como falávamos há alguns anos; em todas as gerações, os jovens sempre falam diferente dos velhos, têm outras preferências vocabulares e de construção frasal e até pronúncias distintas. A mudança linguística é inexorável, afetando todos os níveis de organização das línguas, que vão se transformando, abandonando certas pronúncias, palavras e construções e adotando novos itens lexicais e estruturas sintáticas.

Vemos assim que a passagem do tempo é determinante para diversos acontecimentos e o mesmo acontece com a língua, já que o tempo também é capaz de produzir diferenças linguísticas, pois enquanto falantes do português podemos perceber facilmente que o português falado há 100 anos era muito diferente do falado atualmente.

1.5. O que varia nas línguas?

As línguas se estruturam em diferentes níveis, e cada um comporta diferentes elementos, essa divisão parte desde o plano dos elementos mínimos, considerada a fonética, até o plano dos elementos mais complexos, que fazem parte da sintaxe. Anteriormente tratamos sobre uma característica das línguas, a variação, trataremos agora onde ela pode ocorrer. E podemos afirmar que esse fenômeno afeta os diferentes planos em que a língua se estrutura. É dessa forma que ocorrem variações na fonética, na morfologia, no léxico, na semântica, e na sintaxe. Vejamos:

FONÉTICA: as variações que ocorrem nesse nível são aquelas relacionadas à pronúncia, ou seja, são as alterações dos sons das palavras. Como exemplo, podemos citar a variação ocorrida na pronúncia da palavra “*lençol*”, pronunciada [lẽ'sɔw] *lençol* pelas pessoas mais jovens e, pronunciada [lẽ'sɔw] *lançol* pelas pessoas mais idosas.

MORFOLOGIA: nesse plano estão as variações que afetam a estrutura das palavras. Temos como exemplos desse tipo de variação a supressão da marca de plural dos vocábulos, como em, “*os meninoØ*” para “*os meninos*”; ausência da desinência verbal em: “*nós fala*” para “*nós falamos*”.

LÉXICO: são as variações que ocorrem no léxico, ou seja, o mesmo objeto é designado por palavras diferentes, em diferentes regiões ou grupos sociais distintos. Por exemplo, no Piauí usa-se a palavra “*beiju*”, enquanto no Ceará usa-se “*tapioca*” para fazer referência a um mesmo alimento, “*trabalho*” e “*trampo*”; temos ainda as *gírias*, que são variações lexicais.

SEMÂNTICA: as variações nesse nível correspondem aos diferentes significados que um mesmo item lexical pode veicular, dependendo da região ou do grupo social. Como exemplo desse tipo de variação tem-se o caso da palavra “*tapioca*”, que no Ceará significa o alimento pronto, já no Maranhão significa a massa da qual se faz o alimento.

SINTAXE: o tipo de variação ocorrida nesse plano está relacionado aos vários tipos de construções frasais, ou seja, as variações ocorridas na organização dos enunciados. Por exemplo, a norma culta recomenda que se usem construções sintáticas do tipo “*Laura chegou, eu a vi*”, mas é comum ouvirmos mais construções do tipo “*Laura chegou, eu vi ela*”, usando o pronome pessoal como objeto direto.

Como podemos ver a variação está presente nas línguas e ela pode afetar os mais diversos planos. Vemos dessa forma, que além de poder ser classificada de acordo com as variáveis supracitadas, ela pode também ser classificada de acordo com o plano da língua onde ocorre. Nesse trabalho focamos em variações ocorridas em apenas dois planos linguísticos: no léxico e na fonética.

1.6. Variação e Mudança

O fenômeno de variação dá origem a outro fenômeno linguístico, definido como mudança linguística. A variação se caracteriza pela existência de duas ou mais formas linguísticas com significados similares, ou seja, ocorre quando coexistem duas ou mais formas de se dizer a mesma coisa. Com a existência dessas variantes, há uma espécie de disputa entre elas, e em um dado momento uma dessas variedades passa a ser amplamente usada nos diferentes grupos sociais, na medida em que as outras vão ficando esquecidas, caindo em desuso. Assim, é uma disputa, onde uma das variedades acaba se sobrepondo em relação às demais, de modo que com o passar do tempo apenas uma irá sobreviver.

Mesmo sabendo que esse processo ocorre em todas as línguas, não é possível definir com precisão quando ou se essa substituição irá ocorrer, e se ocorrer, qual será a forma linguística que sobreviverá (GABAS JUNIOR, 2001). Quando a forma inovadora é a que sobrevive em relação as já existentes ocorre, pois, a mudança linguística.

É dessa forma que se pode afirmar que a mudança surge onde existe a variação linguística, e esta resulta principalmente devido as características sociológicas. Pois como afirma Silva Neto (1977, p. 52)

As línguas são resultados de complexa evolução histórica e se caracterizam, no tempo e no espaço, por um feixe de tendências que se vão diversamente realizando aqui e além. O acúmulo e a integral realização delas depende quer da carências do próprio sistema linguístico, quer de condições sociológicas, pois, como é sabido, a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou a lentidão das mudanças.

É válido ressaltar ainda, que nem todo processo de variação resulta mudança, pois as vezes muitas diferenças linguísticas são apenas variedades que caracterizam a fala dos diferentes grupos sociais, o que não indica que irá ocorrer uma mudança (FARACO, 2005).

É dessa forma, que se pode afirmar que

[...] nem toda variação implica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação, o que significa, em outros termos, que a língua é uma realidade heterogênea, multifacetada e que as mudanças emergem dessa heterogeneidade, embora de nem todo fato heterogêneo resulte necessariamente mudança (*ibid*).

Embora todas as línguas passem por esse processo, ele passa despercebido pelos falantes, isso porque as mudanças não ocorrem de uma hora para outra, assim como, não atingem de uma só vez todo o sistema linguístico e, embora seja comum, ele encontra a resistência da preservação da intercompreensão (GABAS Jr., 2001).

Vemos assim, que a variação é um dos requisitos para que a mudança linguística ocorra. E assim como a variação é característica de todas as línguas, a mudança também faz parte do sistema linguístico, e também ocorre nos seus diferentes níveis. Essas mudanças dão origem a diferenças que são perceptíveis na língua com o passar dos anos, mas também podem causar diferenças mais profundas, como é o caso da língua latina, em que as mudanças ocorridas no sistema foram tão significativas que acabaram dando origem a diferentes idiomas, como veremos posteriormente.

2. HISTÓRIA EXTERNA DA LÍNGUA PORTUGUESA

A língua portuguesa possui cerca de mil anos de existência, levando-se em consideração os primeiros documentos escritos que datam do século XII aproximadamente. Sabendo que esta é uma língua românica, derivada do latim, para que consigamos contar a história da língua que falamos hoje no Brasil, é necessário voltarmos ao passado, partindo da história da língua latina.

O latim “era a língua falada no Lácio (Latium), região da Itália Central, onde, em meados do século VIII a. C., foi fundada a cidade de Roma” (CARDOSO, 2005, p. 5). Segundo Bearzoti Filho (2002), essa língua expandiu-se por um vasto território, na medida em que ia se expandindo a civilização romana, onde houve a difusão do idioma pelas terras conquistadas, que foram aos poucos se latinizando.

Hoje, graças a Sociolinguística, ciência que trata da relação entre língua e sociedade e suas variações, há a compreensão por parte da população, especialmente dos profissionais que trabalham com a “língua”, de que toda língua é um conjunto de variedades, onde estão presentes pelo menos duas variedades, consideradas dois pontos opostos. Essas variedades são a norma-padrão e a norma popular, a primeira usada pelo extrato alto da sociedade, culta, erudita, considerada “correta”, e podemos dizer que artificial; e a segunda é a língua “viva”, usada pela maioria da população, especialmente pelas camadas inferiores, e que conseqüentemente é considerada “feia” e “errada”. Tanto é verdade essa realidade, que esse fato se fazia presente desde a língua latina, onde em oposição existia a variedade “cultura”, conhecido como latim literário, e a variedade popular, denominada latim vulgar.

Bearzoti Filho (2002, p. 8) define o latim literário como sendo a variedade mais conhecida do latim “utilizada na escrita e milenarmente transmitida pela tradição escolar de inspiração europeia”, e continua dizendo que essa variedade latina foi “construída com base no modo de falar da aristocracia romana das cidades, o chamado sermo urbanus.” Já em relação ao latim vulgar, Bearzoti Filho (*ibid*) o define como “a fala da população romana não aristocrática”, Niedermann *apud* Silva Neto (1977, p. 30) diz que “o latim vulgar (vulgarlatein) é a fala diária da maior parte da população, elementos esses que compunham a camada social inferior”.

Como é fato comum na maioria das sociedades, a sociedade romana não era formada apenas pela aristocracia. Na realidade, essa camada social era apenas uma pequena parcela da

sociedade, que se compunham de forma significativa dos plebeus e escravos, e que consequentemente usavam o latim vulgar, língua das camadas inferiores, para se expressarem. Com a expansão romana, grande número de falantes latinos era enviado para os territórios conquistados, sendo a aristocracia uma pequena camada, a maioria dos romanos enviados eram os indivíduos das camadas inferiores. Assim, os falantes do latim enviados para esses territórios eram na maioria os falantes do latim vulgar, que acabou se difundindo por vastas zonas territoriais (BEARZOTI FILHO, 2002).

Houve um momento em que o império romano acabou se desestruturando, deixando vastos territórios europeus sem um centro administrativo que os controlasse, inclusive linguisticamente. Houve então, uma modificação mais acelerada e sem controle do latim, acabando assim com a sua “unidade”. A diferenciação linguística tornou-se tão crescente que foram surgindo diferentes dialetos regionais, que futuramente se transformariam nas línguas neolatinas, inclusive a língua portuguesa (BEARZOTI FILHO, 2002). Podemos afirmar assim, que, a língua portuguesa teve sua origem do latim vulgar, a língua viva, que se espalhou, ganhou força e deu origem a diferentes línguas.

Até o momento falamos sobre a origem da língua portuguesa, atentaremos agora para a história do português brasileiro. Essa atenção se faz necessária tendo em vista que esse estudo trata de fatos referentes à língua falada em uma comunidade localizada no estado do Piauí, no Brasil. Como já tratamos sobre a formação da língua portuguesa do latim até a sua origem, iremos mencionar agora como se deu a formação da língua do Brasil, como que ela foi implantada em nosso país.

A chegada da língua portuguesa ao Brasil se deu pelos colonizadores, que teve início por volta do ano 1500. A tentativa de implantar a língua portuguesa em nosso país encontrou resistência, pois aqui já existiam as diversas línguas indígenas, onde a que mais se destacava era o Tupi. Com a chegada do novo idioma, houve uma mistura entre a língua portuguesa e as línguas indígenas (em sua essência, tupi), dando origem ao idioma denominado de “língua geral”. De modo que inicialmente a língua mais utilizada era a língua geral, uma mistura de tupi com português.

Alguns fatos contribuíram para a decadência da língua geral, que vigorou até meados do século XVIII, como o fato da população indígena decrescer rapidamente por conta da

guerra, da escravidão e de epidemias (BEARZOTI FILHO, 2002). Outros fatores contribuíram para essa decadência como afirma Cardoso (2005, p. 175):

A língua geral só entra em decadência na segunda metade do século XVIII. Com a criação de um decreto que proibia o uso da língua geral (1758) e com a expulsão dos jesuítas (1759) – principais defensores da língua geral –, a língua portuguesa passa a ser oficial em toda a extensão do território.

Além da língua portuguesa e da língua geral, aqui já existente, foram trazidas para o Brasil as línguas africanas, que chegaram aqui por meio dos escravos, que pertenciam a diversas etnias. Bearzoti Filho (2002) diz que inicialmente os escravos utilizavam a língua geral para se comunicar, mas com o declínio do idioma, os afrodescendentes passaram a se reconhecer como grupos constituintes da sociedade brasileira. Esses grupos começaram a organizar-se e a serem capazes de entrar em uma luta social e resistência cultural, e assim passaram a existir os falares crioulos. Nesse momento floresceu as línguas gerais de base africana, que eram usadas inclusive para a comunicação secreta entre os escravos.

Por mais que existissem em nosso país os outros idiomas, de base tupi e africana, a língua portuguesa mesmo assim triunfa, após a descoberta de ouro e metais preciosos, quando se acredita que tenha chegado ao Brasil um número entre 500 a 800 mil portugueses para as regiões sudeste e centro da colônia. Outro número de portugueses aqui chegou após as invasões francesas a Portugal, em 1808, quando a família real foge para o Rio de Janeiro trazendo aproximadamente 15 mil portugueses, e mais algumas dezenas de milhares posteriormente. O Brasil então passa por um processo de “relusitanização”, onde o Rio de Janeiro torna-se a capital do mundo português. Nesse período, o Brasil está prestes a se tornar independente (*ibid*).

Cardoso (ano) diz que o Brasil após a independência é influenciado por diversas culturas, como a francesa, já que a França era o grande centro da Europa. Nesse período vários imigrantes europeus aqui chegaram dando a sua contribuição cultural e linguística. Bolognini e Payer ([201-], p. 43) afirmam que:

Dada a variedade de imigrantes que para cá vieram, principalmente da Europa e da Ásia, são faladas várias dessas línguas. É possível citar o alemão, o árabe, o chinês, o coreano, o espanhol, o holandês, o inglês, o italiano, o japonês, o letão e o pomerano.

E ainda tratam sobre o modo como essas línguas chegaram aqui, fato que ocorreu em momentos diferentes. Os imigrantes árabes chegaram ainda durante o Império, com a ajuda de D. Pedro II. Por volta de 1880, um novo grupo de libaneses imigrou para o Rio de Janeiro.

Os espanhóis vieram após a união política entre Portugal e Espanha, entre 1580 e 1640, atraídos pelo café e depois pela indústria e siderurgia. A introdução do holandês no Brasil ocorreu em dois momentos: no século XVIII, em uma tentativa de colonização do país pelos holandeses; e em meados do século XX, com a imigração oficial com a compra de terras no país, estima-se que entre 10 e 30 mil imigrantes holandeses tenham vindo para o Brasil.

Com relação ao alemão, a língua desses imigrantes ainda é falada atualmente no Brasil, entre 1824 e 1830 cerca de 5 mil alemães vieram para cá, motivados por problemas econômicos do país de origem e pelas propagandas de imigração; de 1847 a 1854 um novo grupo chegou ao país. A imigração dos alemães foi interrompida pela revolução dos Farrapos e à proibição de imigração da Alemanha em 1859. Mas até a Segunda Guerra Mundial, cerca de 300 mil alemães aqui chegaram, de modo que até o ano de 1935 havia um número aproximado de 1,2 milhão desses falantes no Brasil (*ibid*).

Os italianos migraram para a América durante o grande fluxo, no Brasil acredita-se que chegou o número de 1.401.335 (BERGMAN, 1977 *apud* BOLOGNINI; PAYER, [201-]). Esses imigrantes instalaram-se inicialmente nas regiões sul e sudeste, depois se espalharam para outras partes do país, motivados pela busca de terras. De modo que hoje, há descendentes de italianos concentrados em outras regiões, a convivência em grupo, assim como o isolamento geográfico favoreceu a manutenção do idioma (BOLOGNINI; PAYER, [201-]).

Bolognini e Payer ([201-]) citam ainda uma última língua de imigrantes, o japonês, que dizem poder ser definida como o resultado da combinação dos dialetos das diferentes regiões do Japão, pode-se dizer que além da fusão, no japonês do Brasil, aparece a presença do português. Essa língua é usada na comunicação no contexto nipo-brasileiro e é denominada pelos japoneses como o japonês antigo misturado de língua brasileira.

Podemos ver assim, que o que chamamos de “português”, pode ser visto na verdade como um conjunto, onde estão misturadas diversas línguas que aqui chegaram de diversas formas e em diferentes momentos da história.

2.1. História Interna da Língua Portuguesa

Como dissemos em capítulos anteriores, a língua latina passou por várias transformações, que deram origem a várias outras, chamadas neolatinas, uma dessas línguas é a portuguesa. Se o surgimento desse idioma se deu pelas mudanças linguísticas ocorridas na

língua latina, o natural é, pois, que haja diferenças entre os dois sistemas, trataremos agora sobre essas diferenças.

Uma diferença notável por qualquer falante diz respeito à perda da declinação, Bearzoti Filho (2002, p. 16) explica sobre esse aspecto dizendo que se tratava de “um tipo de flexão em que as palavras sofrem alteração de forma (chamados casos) para expressar sua função sintática no enunciado”. Porém, pode-se dizer que de certa forma um dos chamados casos latinos permaneceu “vivo” na língua portuguesa, já que é do acusativo que resulta a maior parte do léxico português (COUTINHO, 1976).

Com a existência dos chamados casos latinos, que eram seis – vocativo, nominativo, ablativo, dativo, genitivo, acusativo – a ordem das palavras no enunciado tinha maior liberdade do que no sistema do português, assim, podemos dizer que a forma de ordenação das palavras nas construções frasais também é outra diferença entre os dois sistemas (BEARZOTI FILHO, 2002, p. 16).

Com a perda dos casos latinos, além da menor possibilidade de combinações das palavras nos enunciados, as funções sintáticas exercidas por estas passaram a ser definidas de outras formas, por exemplo, o objeto indireto latino era expresso pela terminação do dativo, em português é necessário o emprego de preposições. Há ainda resquícios dos chamados casos latinos nos pronomes, que são definidos de acordo com o caso (caso reto, caso oblíquo...), o pronome pessoal “*eu*” é usado com a função sintática de sujeito, para exercer a função de objeto direto precisa mudar a forma, e conseqüentemente de caso (*ibid*).

Outra diferença entre o português e o latim diz respeito aos gêneros nominais, no latim os gêneros eram três, além do gênero masculino e feminino, existia um terceiro, o neutro: existe, por exemplo, *abundantia, ae* (*abundância*) que é do gênero feminino, *abusus, us* (*abuso*) que é masculino, e *templum, i* (*templo*) que é do gênero neutro. No português temos apenas os gêneros masculino e feminino, de modo que o neutro foi assimilado pelos dois. Assim como a questão dos casos, há ainda resquícios do gênero neutro no português nos pronomes, o pronome “*esse*”, por exemplo, fica “*essa*” para o feminino, “*esse*” para o masculino e “*isso*” para designar objetos, uma espécie do gênero neutro latino (COUTINHO, 1976).

Em relação aos fonemas muitas mudanças diferenciam os dois sistemas, por exemplo, em latim o /l/ em final de sílaba era sempre pronunciado como a consoante lateral [ɫ], no

português ela ocorre com maior frequência como a semivogal [w] (BEARZOTI FILHO, 2002).

Com relação às vogais, temos no português a diferença entre vogais tônicas e vogais átonas, no latim, uma distinção mais importante era entre vogais longas (com tempo de pronúncia maior) e vogais breves (cujo tempo da pronúncia era menor), esse tempo equivale à quantidade vocálica. No latim vulgar o traço da quantidade passou a ser substituído pelo timbre, de modo que ao invés de se diferenciar as vogais por conta do seu tempo de pronúncia, passou-se a usar a diferença entre vogais fechadas e vogais abertas, acabando com a questão da quantidade, traço característico do sistema latino. Como resultado dessa mudança, temos no português as vogais fechadas e vogais abertas que servem para diferenciar a palavra “*avó*” de “*avô*”, por exemplo (BEARZOTI FILHO, 2002; ILARI, 2008).

Outro traço que distingue o latim do português é resultado de modificações pelas quais passaram as consoantes. As consoantes são classificadas como surdas quando são pronunciadas sem a vibração das cordas vocais, que se encontram afastadas, e são classificadas como sonoras quando as cordas vocais estão próximas e vibram produzindo som. Segundo Coutinho (1976) as consoantes latinas surdas intervocálicas acabaram se sonorizando, como por exemplo, *caput*>*cabo*, *amatum*>*amado*. Enquanto outras consoantes intervocálicas acabaram caindo, eram em sua maioria sonoras: “*l*”, *salire*>*sair*; “*n*”, *bonu*>*bão*>*bom*; “*g*”, *magister*>*maestre/meestre*>*mestre*; “*d*”, *estades*>*estaes*>*estais*. Ocorreu também a perda de fonemas finais: *templum*>*templo*; *amorem*>*amore*>*amor*.

Além das transformações resultadas de mudanças linguísticas, algumas consoantes não existiam no latim e passaram a existir no português, são elas, /v/, /z/, /ʎ/, /ɲ/, /ʃ/ /ʒ/ e /r/. O surgimento dessas consoantes se deu de diversas formas, o /v/ surgiu da evolução do /u/ quando era semivogal, *uendere*>*vender*; ou da passagem de /b/ intervocálico a /v/, *populus*, *i*> *povo*. O /ʒ/ surgiu da transformação do /i/ (consonantização) quando era semivogal, *iam*>*já*. O /ʃ/ resultou dos grupos consonantais “*pl*”, “*cl*”, “*fl*” e do /s/ *planu*>*chão*; *passione*>*paixão*. O /ʎ/ e o /ɲ/ decorrem de grupos formados pelas vogais /i/ e /e/ com /l/ e /n/, *filium*>*filho*; *seniorem*>*senhor* (BEARZOTI FILHO, 2002).

Com relação ao /r/, Câmara Jr (1998) diz que no caso do /r/ forte (vibrante múltiplo), está acontecendo uma mudança fonética que substitui a articulação anterior (como no latim)

por uma posterior. Callou e Leite (2001) afirmam que a articulação anterior da vibrante foi substituída por uma articulação posterior, não só em português, mas também em outras línguas neolatinas. De modo que, as duas realizações ganharam valor distintivo em contexto intervocálico e neutralizam-se nos demais contextos.

Outra diferença referente à pronúncia é em relação aos grupos “ce”, “ci”, “ge” e “gi”, que no latim eram pronunciados da mesma forma que nas palavras “*queixo*”, “*quilo*”, “*guerra*” e “*guiar*”. Houve uma evolução, onde esses grupos, em algumas situações, passaram a ser pronunciados de forma diferente. O “ce” e “ci” passaram a pronúncia de [k] para [s] e o “ge” e “gi” passou de [g] a [ʒ]: *Cícero*: [‘kikɛɾɔ]>[‘sisɛɾu]; *guentem*, [‘gêtẽ] > *gente* [‘ʒêti]; *spongia*, [s‘põgya]>*esponja*, [es‘põʒə] (*ibid*).

Acreditamos ter discutido e exemplificado sobre algumas das principais mudanças ocorridas no sistema linguístico latino que acabaram dando origem ao idioma que conhecemos hoje como “língua portuguesa”. No próximo capítulo trataremos sobre uma oposição presente nas línguas, e que é resultado da mudança linguística, trata-se da inovação e do conservadorismo.

3. INOVAÇÃO x CONSERVADORISMO

Alguns aspectos caracterizam e diferenciam a fala das pessoas que moram em uma comunidade rural das que vivem no ambiente urbano. Um desses aspectos é a presença do uso frequente de arcaísmos linguísticos, formas arcaicas da língua que permanecem vivas principalmente no “falar rural”. A Linguística Histórica, que estuda basicamente a história das línguas e suas evoluções, pode explicar o porquê da presença desses arcaísmos, evidenciando assim a relação existente entre o modo de falar dessas pessoas e o passado.

Como dissemos anteriormente, a língua portuguesa é uma língua românica derivada do latim vulgar. Desde o latim até os dias atuais essa língua sofre alterações, assim como todas as outras. Essas transformações são comuns, visto que a linguagem constitui o homem e este está em um processo constante de evolução, assim é normal que a linguagem também acompanhe esse processo.

As transformações, pelas quais as línguas passam, vão deixando para trás formas que com o passar do tempo vão se tornando antigas e ficando esquecidas, essas formas passam a ser denominadas de arcaísmos linguísticos. Os arcaísmos linguísticos decorrem principalmente da variação diacrônica, Bagno (2003, p. 119) define como “[...] heranças muito antigas, vestígios de outros tempos, verdadeiros fósseis linguísticos. Eles recebem o nome técnico de arcaísmos”.

É comum às vezes nos depararmos com o uso de arcaísmos na fala das pessoas, esse uso é mais frequente na fala de moradores de zonas rurais. Muitas vezes considerados erros, eles na verdade retratam apenas a tendência de haver uma maior preservação da língua em lugares que se encontram afastados do ambiente urbano. Quanto a essa distância, deve-se levar em consideração tanto a distância geográfica, quanto o isolamento em relação à cultura letrada, um isolamento cultural. Pode-se afirmar dessa forma que há uma relação entre arcaísmos e zona rural. Bagno (2003, p. 124) fala sobre essa relação ao afirmar que:

– Essa mesma relação faz com que a língua das zonas rurais seja mais arcaizante do que a língua das grandes cidades, onde as transformações sócias mais rápidas são acompanhadas no mesmo ritmo por transformações na variedade linguística. Quanto mais antiga a colonização de um lugar, mais traços arcaicos sobrevivem na sua língua.

Com base na observação, observação enquanto frequentadora da comunidade, da fala de uma comunidade de São José do Piauí podemos evidenciar essa relação existente entre o uso de arcaísmos e espaço geográfico, a partir da percepção do uso constante de formas antigas da língua, principalmente formas lexicais e fonéticas, pelos moradores de Caldeirão dos Luís, formas estas que fazem parte do português arcaico e até do latim vulgar.

Para que entendamos o que são formas fonéticas é necessário recorrermos a alguns conceitos. Inicialmente é preciso saber que a fonética é uma ciência linguística que, segundo Dubois e outros (1998, p. 282), “estuda os sons da língua em sua realização concreta, independentemente de sua função linguística [...]. A fonética pode, portanto, ser definida como: a ciência da face material dos sons da linguagem humana”.

Já a Fonologia se ocupa do estudo dos sons funcionais da língua, esses sons são denominados de fonemas, como afirma Cagliari (2002, p. 24) “o termo fonema aplica-se apenas aos elementos sonoros que constituem os morfemas”. Assim, quando falamos em formas fonéticas arcaicas nos referimos à pronúncia de algumas palavras utilizadas pela comunidade de Caldeirão dos Luís, que mantém uma pronúncia muito próxima do latim vulgar/português arcaico. Resumindo, são as palavras que guardam a pronúncia, os sons, de tempos remotos da língua.

Exemplificando, possivelmente poderemos constatar na comunidade de Caldeirão dos Luís a presença da pronúncia [‘sãɫ] para a palavra “sal” (do latim *salem* - *acusativo de sal, is*), cuja pronúncia mais recorrente no português atual é [‘sãw], ocorrendo a vocalização da lateral /ɫ/, que adquire as características articulatórias da vogal /u/, fato comum quando ela se encontra em final de sílaba. Mas, os moradores da comunidade a pronunciam [‘sãɫ], sem produzir a vocalização do fonema final, assim como era pronunciado no português arcaico, no latim vulgar e clássico, constituindo assim, uma forma fonética arcaica.

Outra marca fonética, que é decorrente do conservadorismo linguístico e que poderá estar presente na referida comunidade, é a pronúncia da palavra “fruta”, derivada do latim *fructa* (*acusativo plural de fructus, us*), que os moradores a produzem *fruita* [‘fruytã], ocorrendo a semivocalização do fonema /k/, presente na forma latina, na semivogal /y/, da mesma forma que era produzido no português arcaico, enquanto a forma mais recorrente na atualidade é [‘frutã] sem a semivocalização.

Já em relação a formas lexicais, “[...] a palavra léxico designa o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc.” (DUBOIS et. al., 1998, p. 364). Vilela e Koch (2001, p. 25) afirmam também que “o elemento central do plano lexical é a palavra: portadora de um significado lexical”. Então, sabendo que o léxico constitui-se das palavras ou vocábulos de uma determinada língua, quando falamos em formas lexicais arcaicas nos referimos às palavras ou expressões que a comunidade de Caldeirão dos Luís usa, que são pertencentes ao latim vulgar/português arcaico.

Por exemplo, possivelmente, iremos constatar na fala dos moradores da comunidade a presença de uma forma lexical como o verbo “*labutar*”, derivada do latim vulgar *labor,oris*, e que é pertencente ao português arcaico. Outro exemplo de arcaísmo lexical é o adjetivo “*malino*” do latim *maligno (malignus, a, um)*, também pertencente ao português arcaico. Outro exemplo de arcaísmo linguístico é a expressão “*menino sem termo*”, expressão usada para adjetivar crianças hiperativas, que significa “*menino sem limites*”, cuja origem é o acusativo *terminum (terminus,i)*.

Essa preservação linguística ocorre principalmente pelo fato dessas pessoas morarem em um lugar isolado e de difícil acesso à cultura letrada, assim as mudanças que a língua vai sofrendo ao longo do tempo atingem com um menor impacto tal comunidade, havendo dessa forma, a tendência à preservação. Monteiro (2000, p. 129) fala sobre essa relação língua-espaco geográfico:

O isolamento geográfico inevitavelmente gera diferenciações linguísticas. Se viajarmos pelo interior do Brasil e conseguirmos chegar a vilarejos longínquos e de difícil acesso, com certeza lá encontraremos traços dialetais que nos causarão até surpresa. Em geral, o que se observa nesses lugares isolados é uma tendência ao conservadorismo linguístico. Daí, parece óbvia a hipótese de que quanto mais contato externo a comunidade de fala mantiver, maiores serão as possibilidades de mudança e diversificação.

O espaço geográfico faz com que haja dessa forma, a existência de uma oposição entre linguagem urbana e linguagem rural. Preti (2003, p. 25) fala sobre essa oposição:

A primeira cada vez mais próxima da linguagem comum, pela ação decisiva que recebe dos fatores culturais (escola, meios de comunicação de massa, literatura) [...]. A segunda mais conservadora e isolada, extinguindo-se gradualmente com a chegada da civilização.

Ao ouvir uma conversa entre pessoas de diferentes faixas etárias, também é possível perceber a mudança no modo de falar de acordo com a idade. As formas antigas da língua ocorrem com uma maior frequência na fala das pessoas idosas, enquanto os jovens

difícilmente usam tais formas. Com base na Linguística Histórica isso ocorre porque “[...] os elementos linguísticos inovadores ocorrem com frequência menor na fala das gerações mais velhas [...]” (FARACO, 2005, p. 23).

Além da resistência à inovação por parte das pessoas mais idosas, outro fator que influencia na variação linguística por conta da variável faixa etária é o fato de as pessoas mais velhas exibirem o modo de falar que adquiriram há muitos anos, como dito anteriormente, assim, por mais que a língua evolua e se modifique, as pessoas continuam a falar de uma forma muito parecida com a que falavam quando eram jovens. Como assinala Monteiro (2000, p. 132), “[...] Os estudos das variações ligadas à variável faixa etária costumam denunciar a idade dos fenômenos linguísticos. Em termos gerais, segundo se supõe, cada geração exibe a norma adquirida durante sua adolescência”.

É válido ressaltar que para determinar que uma variação linguística é condicionada pela faixa etária dos falantes, é necessário certo cuidado, pois “não é difícil perceber que a linguagem dos idosos, em virtude de conservar traços que já evoluíram, difere bastante da dos jovens” (MONTEIRO, 2000, p. 51). Mas essas diferenças podem ter influências de outras variáveis, que associadas à faixa etária fazem surgir essas variantes. Labov, apud Monteiro (2000, p. 51) fala sobre essa questão, dizendo que

A diferença entre as faixas etárias pode ser fictícia, se se leva em conta que os grupos mais jovens se distinguem dos mais idosos em função de outras variáveis que não seja a simples passagem do tempo. Um grupo pode ter uma educação mais completa e melhores perspectivas, precisamente como resultado lógico do movimento ascendente experimentado pelas sucessivas gerações. E assim o que parece devido à faixa etária termina sendo condicionado por outros fatores.

Além da variável regional e da variável faixa etária, outro fator que pode contribuir para haver arcaísmos na fala dos moradores de Caldeirão dos Luís, é a baixa escolaridade, já que podemos perceber que na fala das pessoas que frequentaram ou frequentam a escola as ocorrências de tais formas se dão com uma menor frequência, enquanto na fala dos que não são escolarizados elas ocorrem frequentemente. Isso pode ser justificado pelo fato de a escola muitas vezes ainda acreditar na unidade linguística, querendo impor a todos os seus alunos um único modo de falar. Pois, “Embora a diversidade seja sinal claro de vitalidade, a própria escola, por vezes, deixa de reconhecer a variação como patrimônio importante, adotando práticas que visam a uniformizar o uso linguístico” (MAIA, 2006, p. 158).

As variações denominadas de “falar rural” também não são aceitas pela escola por questões extralinguísticas, pois é o comportamento da sociedade perante essas variações e os seus usuários que faz com que elas sejam consideradas erradas, havendo dessa forma um preconceito social transmitido por meio do preconceito linguístico (trataremos posteriormente sobre esse tipo de preconceito). Na realidade o que não se quer aceitar na escola é a admissão de uma língua falada por moradores de uma região subdesenvolvida, que sobrevivem da roça, assim, o “falar caipira”, fala de gente simples e pobre, não deve ser considerado correto por uma instituição que visa ensinar a forma “certa” de se falar.

É comum vermos em livros didáticos ou o professor trabalhar em sala de aula exemplos retirados de textos escritos há muitos anos (por exemplo, textos de Machado de Assis, de Camões, e outros), o que está em julgamento dessa forma não é o quanto arcaizante é a língua, mas quem faz uso dela. Nas palavras de Alkmim (2006, p. 42):

[...] os julgamentos sociais ante a língua – ou melhor, as atitudes sociais – se baseiam em critérios não linguísticos: são julgamentos de natureza política e social. Não é casual, portanto, que se julgue “feia” a variedade dos falantes de origem rural, de classe social baixa, com pouca escolaridade, de regiões culturalmente desvalorizadas.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 31 e 32) diz também que essa dicotomia, língua rural x língua urbana, existe desde o processo de colonização, quando “a língua trazida para o Brasil pelos portugueses conservou-se, nos grandes centros de colonização do litoral, onde havia constante intercâmbio comercial e cultural com a metrópole...” enquanto que a variedade rural foi “mais acentuada a influência do adstrato indígena e do pidgin falado pelos negros entre si e nos seus contatos com a população branca e mestiça”.

Vemos assim, que o conservadorismo linguístico, que favorece o uso de arcaísmos, decorre de aspectos sociológicos, mas não depende unicamente deles. Já que a implementação da língua portuguesa aqui no Brasil se deu de forma diferente nas duas regiões, assim, já havia a distinção entre esses dois falares.

4. PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Sabemos que vários tipos de preconceitos estão presentes em nossa sociedade, entre eles o preconceito linguístico. Podemos observar frequentemente as pessoas atribuírem características como “feio”, “errado”, “antigo”, entre outras, aos diferentes modos de falar das pessoas, principalmente quando esse modo de falar não se enquadra na norma culta. É possível perceber que há uma constante tentativa de acabar com os diversos tipos de preconceito, mas quando se trata de preconceito linguístico a situação não é a mesma. Bagno (2007, p. 38) justifica essa questão do preconceito linguístico afirmando que

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

Mas como esclarecemos anteriormente, os juízos de valor que se atribuem aos diferentes modos de falar das pessoas não são de natureza linguística, na realidade eles possuem uma razão de ser que enquadra muito mais que aspectos da língua em si, os julgamentos que se atribuem à língua na realidade são julgamentos direcionados aos falantes que a usam. “Se o Nordeste é “atrasado”, “pobre”, “subdesenvolvido” ou (na melhor das hipóteses) “pitoresco”, então, “naturalmente”, as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam também devem ser consideradas assim...” (BAGNO, 2007, p. 42).

Esse preconceito está tão impregnado em nós que às vezes cometemos sem nem ao menos perceber, o que não tem como justificar é que ele seja cometido por professores de língua portuguesa, visto que este possui todo o conhecimento que justifica o uso de tais variantes por seus alunos. Assim, a escola poderia desempenhar um papel decisivo contra esse tipo de preconceito, porém, o que frequentemente se pode presenciar é professores corrigirem o modo de falar de seus alunos dizendo que “ele não pode falar daquela forma”, que “é errado falar daquele jeito”, o que pode trazer consequências desastrosas a capacidade comunicativa do aluno, e evidentemente a sua vida.

É preciso que os professores aprendam a reconhecer os modos diferentes de falar de seus alunos como variações comuns da língua e não como erros, levando em consideração essas variações nas aulas de língua materna. Segundo Bagno (2007, p. 18),

O reconhecimento da [pg.18] existência de muitas normas linguísticas diferentes é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja consequente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma variedade “língua estrangeira” para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade de português não-padrão.

O fato é que a escola muitas vezes deixa de fazer esse reconhecimento, atribuindo juízos de valor à língua que os seus alunos utilizam, como se pudesse existir comunidades onde se fala um “melhor” ou “pior” português, o que de fato não ocorre, visto que todas as variedades da língua são veículos plenos e perfeitos de comunicação. Assim, se quisermos que os nossos alunos adquiram a norma culta, devemos ter o cuidado para que não façamos isso de forma preconceituosa. Castilho, apud Bagno (2007, p. 160) traz algumas sugestões acerca do modo que podemos proceder para que isso aconteça:

[...] os recortes linguísticos devem ilustrar as variedades socioculturais da Língua Portuguesa, sem discriminações contra a fala vernácula do aluno, isto é, de sua fala familiar. A escola é o primeiro contato do cidadão com o Estado, e seria bom que ela não se assemelhasse a um “bicho estranho”, a um lugar onde se cuida de coisas fora da realidade cotidiana. Com o tempo o aluno entenderá que para cada situação se requer uma variedade linguística, e será assim iniciado no padrão culto, caso já não o tenha trazido de casa.

Vemos assim, que a escola, assim como o professor de língua portuguesa, deve tratar as formas que os seus alunos falam não como erradas, mas com os termos “adequado” e “não adequado”. Assim, mostrará a eles que a variação linguística é característica comum nas línguas, e todas as variedades são elementos perfeitos de comunicação, o que existe são as que não são adequadas para algumas situações comunicativas, e dessa forma tornará seus alunos falantes competentes.

5. METODOLOGIA

O presente trabalho se divide em duas principais partes, uma teórica e outra analítica, pois, para sua realização utilizamos dois tipos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, mais utilizada na parte teórica, com algumas contribuições para a segunda parte, e foi realizada também a pesquisa de campo, utilizada na parte da análise.

Na pesquisa bibliográfica buscamos alicerce para nossa fundamentação nos teóricos da sociolinguística, como Bagno (2003; 2007), Bortoni-Ricardo (2005), Monteiro (2000) e outros. Da linguística histórica, Faraco (2005), Silva Neto (1977), Tarallo (1990; 2003), entre outros. Foram utilizados também dicionários de autores como, Busarello (2004), Cunha (1986), Torrinha (1937), e outros.

Já na pesquisa de campo, sabendo que esse trabalho procura mostrar fatos referentes à diversidade linguística, é necessária a adoção de uma metodologia que abandone exemplos levantados por meio da intuição e passe a se basear em fatos concretos alcançados por meio de uma pesquisa de campo que consiga os dados suficientes para comprovar as hipóteses.

Essa pesquisa de caráter sociolinguístico deve, pois, partir da gravação de falas de informantes que retratem os fatos que se busca comprovar. Um primeiro passo é a escolha da comunidade de pesquisa. Escolhemos o povoado Caldeirão dos Luís, uma comunidade de zona rural, que fica localizado a 12 quilômetros da sede do município de São José do Piauí, a 48 quilômetros da cidade de Picos, que é considerada uma das mais desenvolvidas, socialmente e culturalmente, do Estado do Piauí, e localizada a cerca de 360 quilômetros da capital, Teresina, que é o ponto mais desenvolvido do estado. A comunidade é composta por cerca de 700 habitantes, cujas principais atividades são relacionadas à agricultura e pecuária, e a pequenos pontos comerciais. A escolha por esta região se dá pelo fato de a comunidade de Caldeirão dos Luís ser marcada por aspectos rurais, e dessa forma, acreditamos possuir as características que condicionam as variedades que procuramos identificar.

Para a coleta de dados foram entrevistados 22 informantes, denominados em ordem numérica (INFORMANTE 1, INFORMANTE 2, INFORMANTE 3...). Acreditamos que a quantidade de informantes entrevistada é suficiente, por ser uma pesquisa de cunho comparativo. Como já dissemos anteriormente, baseando-nos em sociolinguistas, definimos que os principais fatores que favorecem o conservadorismo linguístico são o isolamento (geográfico e cultural), a baixa escolaridade e a faixa etária. Assim, os informantes escolhidos

foram pessoas idosas, com idade entre 52 e 82 anos. Eles nasceram ou moram na comunidade desde a infância e não estiveram afastados de lá por mais de cinco anos.

Os informantes possuem baixa escolaridade, a maioria pode ser definida como analfabeta, inclusive. Alguns disseram ter estudado em escolas informais, mas não sabem ler, nem escrever, e não existia a divisão em séries, por isso não é possível definir o grau de escolaridade. Outros disseram ainda que fizeram até a primeira ou segunda série, mas mal sabem ler e escrever. Alguns disseram ter estudado na modalidade de ensino Mobral. Os informantes escolhidos sobrevivem principalmente de atividades relacionadas ao campo. Não foi levada em consideração a variável sexo, dessa forma coletamos dados de ambos os sexos.

Lembramos que, na realização da pesquisa alguns cuidados foram tomados para evitar o comprometimento de sua qualidade, procuramos evitar que a nossa presença e de um gravador atrapalhasse a naturalidade da comunicação. Evitamos mencionar que o que se pretendia era a realização de um trabalho onde o foco é a língua. Procuramos também alcançar um acomodamento social e linguístico à comunidade de pesquisa. E ainda fizemos com que o contato com os informantes se desse por meio de terceiros, que são pessoas que vivem e são conhecidas na comunidade, dessa forma, nossa presença não foi considerada tão estranha pelo grupo pesquisado (TARALLO, 2003).

Após a escolha dos informantes e os cuidados mencionados anteriormente, foi realizada a gravação de situações naturais de comunicação, como: falas, conversas espontâneas, entre outras. Fizemos também pequenos roteiros de perguntas. Realizamos essas gravações principalmente na moradia dos informantes, na tentativa de impedir que ruídos externos atrapalhassem a qualidade dos dados coletados. Procuramos fazer com que os informantes fizessem narrativas, preferencialmente narrativas de experiências envolventes ou vivenciadas por eles, tendo em vista que o envolvimento emocional provoca um cuidado menor com a língua, que é o que deve ser buscado a todo o momento durante a gravação.

Após as gravações, passamos a última fase da pesquisa que é a análise dos dados coletados, analisamos o corpus procurando identificar os aspectos fonéticos e lexicais que comprovam nossas hipóteses. E, como já mencionamos, será uma pesquisa de cunho comparativo, então foi feita a comparação das formas encontradas na comunidade com a língua latina, ou outra que lhes deu origem. Para essa comparação, teremos como base a gramática histórica, dicionários e a literatura.

6. OS ARCAÍSMOS LINGUÍSTICOS EM CALDEIRÃO DOS LUÍS

Nesse capítulo será feita a análise dos dados coletados na comunidade de Caldeirão dos Luís, como já explicitado anteriormente. O *Corpus* utilizado nessa análise foi obtido por meio de uma pesquisa de campo, durante a qual foi realizada a gravação da fala de 22 informantes da comunidade supracitada.

Já dissemos também que procuramos encontrar formas linguísticas arcaicas pertencentes ao léxico e à fonética, assim nossa análise será dividida em dois grupos, cada um relacionado a um tipo de arcaísmo. Ainda, como forma de deixar a análise mais organizada e, também de se levar em consideração aspectos gramaticais da língua, os arcaísmos encontrados foram agrupados de acordo com a classe gramatical.

Fizemos a comparação entre os arcaísmos linguísticos encontrados em Caldeirão dos Luís e as formas neolatinas que lhes deram origem, utilizando para isso os dicionários de Cunha (1986), Busarello (2004) e Torrinha (1937). Em cada tipo de arcaísmo, foi identificado qual o sentido em que ele foi empregado, e quais dos informantes utilizou a forma linguística.

E por fim, procuramos textos antigos em que estivessem registradas as formas arcaicas da língua encontradas na referida comunidade, esses registros compõem o último subtópico da análise.

6.1. Arcaísmos Lexicais

Como já dissemos no capítulo “Inovação x conservadorismo”, os arcaísmos lexicais dizem respeito às palavras e expressões utilizadas pelos falantes de Caldeirão dos Luís, que são palavras do latim vulgar/português arcaico. Na pesquisa conseguimos identificar:

Verbos:

- *Larguei* de estudar (abandonar; século XVI), [INFORMANTE 1]. No século XVI, largar significava soltar: do adjetivo *largo*, que vem do latim *largus*, *a*, *um*: *liberal*, *abundante*, *pródigo*, (CUNHA, 1986, p. 466; BUSARELLO, 2004, p. 157). Este sentido pode ser recuperado, se considerarmos que, ao soltarmos algo, a distância entre nós e o objeto largado torna-se mais larga, mais ampla.

- Eu me *afragelei* (ficar agoniado, nervoso; flagelar, século XVI), [INFORMANTE 1]. Variação de *flagelar*, forma datada do século XVI. *Flagelar* deriva de *flagelo*, que por sua vez, vem do latim *Flagellum, i* (açoite, chicote). Acreditamos que o “*fra*” ao invés de “*fla*” ocorre por influência de *fragelo*, forma presente no século XIV, (CUNHA, 1986, p. 360; TORRINHA, 1937, p. 338). Assim, além de ser um arcaísmo lexical, é também um arcaísmo fonético, pois guarda a pronúncia de um fonema de muitos anos atrás, além de ter a adição do /a/ inicial, fato comum no latim vulgar e no português arcaico, como iremos expor posteriormente. O sentido em que foi empregado (agoniado, nervoso) pode estar associado a sofrimento, situação difícil, própria de quem está sob flagelo (sendo açoitado com chicote).
- É *paparicada* demais (adular; 1881), [INFORMANTE 10]: derivação de *papar*, que vem do latim *papāre: comer, extorquir*. O informante usou dizendo que a futura neta já era *paparicada*, pode ser então uma espécie de associação. Os pais geralmente adulam as crianças para elas comerem, para paparem, (CUNHA, 1986, p. 577).
- Vivem *pelejando* para eu ir (insistir, tentar; século XIII), [INFORMANTE 6, INFORMANTE 13 e INFORMANTE 18]: do latim *pīlus, i: pelo, cabelo*. Talvez *pelejar* é uma derivação de *pelo* + *-ejar*, na acepção de “*agarrar pelos cabelos*”, (CUNHA, 1986, p. 591). O sentido em que foi empregado pode ser uma alusão a quem luta por algo, lutar agarrando pelos cabelos.
- Não *Bole* mais não (mexer; século XIII), [INFORMANTE 15]: de *bulir*, que vem do latim *būllīre, de bullō, ās, āre: ferver*, (CUNHA, 1986, p. 127; TORRINHA, 1937, p. 110). O sentido de mexer, adquirido pela palavra, pode ter vindo do fato de que há movimento quando a água ferve. Outros vocábulos possuem essa mesma noção: ebulição e rebuliço.
- Parece que ela *Amojou* agora (ficar prenhe; 1813), [INFORMANTE 19]: de origem controvertida, *amojar* é *ordenhar, encher-se de leite ou de suco*. Assim, quem fica prenhe enche-se de leite, (CUNHA, 1986, p. 40). Assim, na visão do informante, quem se amojou encheu as mamas de leite, para alimentar o filho vindouro.
- É tão caro gado pra deixar *extruir* (desperdiçar; extrudir, século XX), [INFORMANTE 21]: provavelmente variação de *extrudir*, derivado de

extrusão, que vem do francês *extrusion*, que é do latim *extrūdere*: *por fora com violência, expulsar*, (CUNHA, 1986, p. 345; TORRINHA, 1937, p. 321).

- Uma *van peitou*, né? (bater; século XIII), [INFORMANTE 21 e INFORMANTE 22]: variação de sentido do verbo *peitar*, que vem do latim *pactāre*, de *pāctum*, *i*: *acordo, contrato, tratado*, (CUNHA, 1986, p. 191; BUSARELLO, 2004, p. 191 e 195). A recuperação do sentido se faz por meio do sentido de encontrar frontalmente, afinal um acordo é um encontro de ideias, encontro abstrato; enquanto *peitar* é um encontro frontal físico, concreto. Esta relação semântica se estabelece por meio do processo metonímico concreto pelo abstrato.
- Tá *assuntando*? (ouvir, escutar; *assumptar*, 1899), [INFORMANTE 8]: provavelmente de *assumptar*, que vem de *assumptus*, participio adjetivo de *assumptus*, *a, um*: *tomado, adoptado, recebido*, (CUNHA, 1986, p. 77; TORRINHA, 1937, p. 83). Na ladainha (prece católica), encontra-se o verso “rainha assunta aos céus rogai por nós”, ou seja, rainha atenta aos céus...
- *Arribou* a cadeira (levantar; século XIII), [INFORMANTE 9, INFORMANTE 12, INFORMANTE 14, INFORMANTE 15, INFORMANTE 16, INFORMANTE 18 e INFORMANTE 19]: do latim *arrīpāre*: *chegar à margem, à ribeira*, (CUNHA, 1986, p. 684). Recupera-se o sentido, pelo fato de que a margem da ribeira (do rio) está em uma posição acima do leito.

Substantivos:

- Uma *gastura* ruim (enjoo, mal estar; *gástrula*, 1899), [INFORMANTE 6, INFORMANTE 14, INFORMANTE 16 e INFORMANTE 20]: possivelmente variação de *gástrula*, que vem de *gastr(o)*, elemento da composição do grego *gastēr*, *gastrōs*: *ventre, estômago*, (CUNHA, 1986, p. 380). A *gastura* é sempre um mal estar, um incômodo na região do tórax ou do abdômen.
- Ele saiu uma *Pabulagem* (orgulho, “besteira”), [INFORMANTE 10]: provavelmente de *fábula*, quem vem do latim *fābŭla*, *ae*: *fábula, lenda, estória*. Geralmente a pessoa que tem *pabulagem*, é uma pessoa faladeira, que conta muitas histórias, vantagens, (CUNHA, 1986, p. 346; BUSARELLO, 2004, p.110). Do ponto de vista fonético, o “*p*” se transforma em “*f*”, por degeneração, em *golpar* > *golfar*; *Paulus* > *Pablo* > *Fábio* (*paulo*).

- Só o *laboro* da casa (trabalho; século XVI), [INFORMANTE 4, INFORMANTE 5, INFORMANTE 8, INFORMANTE 10, INFORMANTE 16]: do latim *labor*, *ōris*: *trabalho, esforço*. (CUNHA, 1986, p. 461; BUSARELLO, 2004, p. 155).
- Estão no *aviamento* (local onde se faz farinha; século XVI), [INFORMANTE 8]: substantivo derivado do português *via*, do latim *via*, *ae*: *caminho, método, meio*, (CUNHA, 1986, p. 87 e 820; BUSARELLO, 2004, p. 284). Na fala do informante o *aviamento* é o conjunto de meios, métodos, instrumentos, portanto, o caminho para a produção de farinha.
- É esse *rojão* (Rotina pesada, ritmo acelerado; arrojado, século XVII), [INFORMANTE 8]: provavelmente derivado de *arrojado*, que significa *aquela que tem ousadia, atrevimento*; *arrojado* do castelhano *arrojar*, do latim vulgar **rotulāre*: *rodar, fazer rodar*, (CUNHA, 1986, p. 72).
- É um *rebuliço* (grande movimentação, confusão), [INFORMANTE 10 e INFORMANTE 21]: possivelmente do latim *rebellātiō*, *ones*: *rebelião*, (TORRINHA, 1937, p. 129). Podemos encontrar outras palavras com a mesma raiz, em que a noção de movimento também está presente: rebolar, rebolo. Ainda foi possível ver a relação com bulir, outro arcaísmo encontrado na comunidade, analisado anteriormente.
- Com o remédio na *guela* (goela, garganta; século XVII), [INFORMANTE 10]: do latim **gulella*, diminutivo de *gula*, *ae*: *esôfago, garganta, goela*, (CUNHA, 1986, p. 389; BUSARELLO, 2004, p. 125).
- A *gaitada* dele aqui (riso alto, gragalhada; gaiatada, 1821), [INFORMANTE 10]: vem de *gaio*, do francês *gai*: *alegre, jovial*, (CUNHA, 1986, p. 375). O arcaísmo *gaitada* pode ocorrer pelo apagamento da vogal “a” da palavra *gaiatada*, forma linguística documentada no ano de 1821, e que pode ter surgido de *gaiato*, cuja significação é *pessoa alegre, brincalhona*. Convém salientar que a forma francesa “*gai*” apresenta forte semelhança com o termo inglês “*gay*”, que significa alegre.
- Ela tá com *intojo* (enjôo; enojo, século XV), [INFORMANTE 12, INFORMANTE 14, INFORMANTE 16, INFORMANTE 18, INFORMANTE 19 e INFORMANTE 20]: provavelmente de *enojo*, que vem de *enojar*, forma linguística do provençal, derivada do latim *īnōdiāre*: *sentir nojo, repugnância*,

(CUNHA, 1986, p.300). Entojo, no dialeto regional, significa os enjoos próprios da mulher no início da gravidez. Portanto, estar com intojo é o mesmo que sentir nojo de algo.

- Dá os *bacurim* (filhote de porco), [INFORMANTE 13]: provavelmente de *baga*, do latim *baca*, *ae: fruto de uma árvore*, (TORRINHA, 1937, p. 95). Fizemos a associação entre *baga* e *bacurim*, porque além da semelhança na raiz da palavra, também existe certa semelhança no sentido, assim como *baga* é o “filho” (fruto) da árvore, *bacurim* também pode ser considerado o “fruto” (filho) do porco. Inclusive, na fala do informante há essa ideia de semelhança com o fruto, quando ela diz que a porca “dá os bacurim”.
- Oh *Cabra* perigoso (homem), [INFORMANTE 15]: brasileirismo, denominação de mestiço de mulato e negro. Do latim *capra*, *ae: cabra*, (CUNHA, 1986, p. 132; BUSARELLO, 2004, p. 48). Torrinha (1937, p. 123) registra o uso de *Capra*, *ae* com o significado de mau cheiro (dos sovacos). Assim, o *cabra* é o homem rude, sem instrução, sem noções de higiene, que apresenta mau cheiro. Constitui, assim, uma metáfora, de uma comparação implícita, nesse caso específico, da *cabra* (animal) com o homem que apresenta cheiro semelhante ao da *cabra*.
- Pra não ficar com aquela *cegueira* (sentido; século XVI), [INFORMANTE 18]: *cegueira* vem de *cegar*, que é do latim *caecāre: privar da vista, ficar cego*. Porém em uma acepção extensiva significa *transtornar*. *Cegueira* é o estado de *cego*, mas também pode ser usado com um significado extenso, que é *a falta de lucidez*. O informante utilizou o substantivo na acepção extensiva, (CUNHA, 1986, p. 169).
- E largo o *coque* (pancada na cabeça; século XVIII), [INFORMANTE 22]: de origem onomatopaica, (CUNHA, 1986, p. 215).
- Minha *greba* é longe (roça, gleba; século XVII), [INFORMANTE 22]: do latim *glēba*, de *glaeba*, *ae* ou *gleba*, *ae: torrão (de terras), gleba, chão*, (BUSARELLO, 2004, p. 123; CUNHA, ANO, p.387).

Adjetivos:

- Tô toda *escambichada* (quebrada), [INFORMANTE 9]: provavelmente de *escambiar* ou *escambo*, que é derivado de *cambiar*, do latim *cambiō, ās, āre:*

cambiar, trocar. De certa forma, quem tinha que pagar o escambo, ficava meio que “quebrado”, (CUNHA, ANO, p. 143).

- Menino *malino* (danado, hiperativo; século XIV), [INFORMANTE 2, INFORMANTE 12 e INFORMANTE 16]: do latim *malignus, a, um: maldoso, maligno*, (BUSARELLO, 2004, p. 166).
- Ela fica *prenha* (grávida, engravidar; prenhe, século XIII), [INFORMANTE 13 e INFORMANTE 19]: de *prenhe*, do latim vulgar **praegnīs*, de *praegnāns, antis: grávida, prenhe, pejada*. *Praegnāns* provavelmente vem de *plenūs, a, um: cheio de, repleto, completo*, (CUNHA, 1986, p. 632; TORRINHA, 1937, p. 673; BUSARELLO, 2004, p. 204). Aquela que está prenhe está também cheia (com um filho no ventre), mas está em estado de plenitude, realização, afinal, a maternidade é sonho da maioria das mulheres.
- A política é *sebosa* (nojento, sujo; 1813), [INFORMANTE 15]: do latim *sēbōsus, a, um: da natureza do sebo*, (CUNHA, ANO, p. 710; TORRINHA, ANO, p.779). Metaforicamente, tudo aquilo que está sujo está repleto, coberto de sebo.
- Essas chuvadas *derradeira* (último; século XIV), [INFORMANTE 18, INFORMANTE 19]: do latim **derratrarius (derretrarius)*, que vem de *retro: por trás, para trás*, (CUNHA, 1986, p. 248; TORRINHA, 1937, p. 751). Assim o que é derradeiro, é o que fica para trás ou por trás, o último.
- Ela é *sendeira* (mulher que casou e separou; século XV), [INFORMANTE 21]: de *senda*, que vem do latim *sēmīta, ae: caminho estreito, vereda, atalho*. Em sentido figurado, significa *praxe, usança*, (CUNHA, 1986, p. 714; TORRINHA, 1937, p. 786). De certa forma, e de grosso modo, *sendeira* é uma “mulher usada”, que conhece, que trilhou a senda, o caminho.

Conjunções:

- *Mode* os bichos não comer (porque, por causa, para que), [INFORMANTE 10, INFORMANTE 16, INFORMANTE 17 e INFORMANTE 19]: do latim *modo*, advérbio que significa *há pouco, pouco antes, recentemente*, (BUSARELLO, 2004, p. 172). Houve uma mudança de significado da palavra, mas a noção de tempo ainda pode ser encontrada, eles a usam como conjunção causal ou final. Tempo anterior em relação ao presente pode estabelecer uma relação de

causalidade. Se o ponto de referência é um momento futuro, essa relação é de finalidade.

Expressões: Durante a pesquisa, pudemos identificar também algumas expressões que guardam traços da língua antiga, e por isso constituem arcaísmos linguísticos. São expressões arcaicas:

- Eu *dei de fé* (ver, perceber), [INFORMANTE 10]: *dar*, do latim *dāre*: *doar*, *dar* + preposição *de*, do latim *de* + *fé*, do latim *fides*, *ēi*: *fé*, *confiança*, *garantia*, (CUNHA, 1986; BUSARELLO, 2004).
- *De primeiro* não tinha estudo (antigamente), [INFORMANTE 12 e INFORMANTE 14]: preposição *de*, do latim *de* + *primeiro*, do latim *prīmārius*, *a*, *um*: *o primeiro*, *o principal*, (CUNHA, 1986; BUSARELLO, 2004). Pode-se dizer que essa expressão é arcaica, visto que faz parte da linguagem usada há muitos anos, além de que, levando-se em consideração que o genitivo latino era feito a partir da preposição “*de*” e um vocábulo, o uso da preposição na expressão é um traço do genitivo.

6.2. Arcaísmos Fonéticos

Também, já foi explicado anteriormente o que são os arcaísmos fonéticos, que são as palavras que guardam sons de tempos remotos da língua. Na comunidade pesquisada foram encontradas as seguintes pronúncias antigas da língua portuguesa:

Verbos:

- Por *barrer* a casa (varrer), [INFORMANTE 16 e INFORMANTE 17]: variação de *varrer*, comumente pronunciada [vɐˈheh] *varrer*, mas na fala dos informantes foi pronunciada [bɐˈXe] *barrer*. Do latim *verrĕre*, de *verro*, *is*, *ĕre*, *-versum*: *varrer*, *levar varrendo*, (CUNHA, 1986, p. 812; BUSARELLO, 2004, p.282). Ao tratar sobre esse fenômeno, Coutinho (1976, p.73, grifo do autor), diz que o “*b* – aparece às vezes em situação em que nós hoje usamos *v*: *aber* = *haver*. Talvez que o *b* se explique aí por influência do latim ou por influência espanhola”. Ainda tratando sobre a passagem de *b*>*v*, Léllis (1966) diz que era uma tendência já existente no latim vulgar, então a permanência do /b/ no lugar do /v/ é resultante da conservação de um aspecto latino.

- Como é que você *pregunta*? (pergunta; século XIII), [INFORMANTE 6]: em Caldeirão dos Luís foi encontrada a pronúncia [*ˈpɾɛgũtə*] *pregunta*, quando a pronúncia mais ouvida é [*ˈpɛɾgũtə*] *pergunta*. A palavra *pergunta* vem do latim *percontatĭo, ōnis: pergunta, interrogação*, (BUSARELLO, 2004, p. 196; CUNHA, 1986, p. 596). A forma arcaica encontra-se preservada também no espanhol, e a realização [*ˈpɾɛgũtə*] *pregunta* é fruto da metátese do “r”, a exemplo *inter* > *entre*, (COUTINHO, 1976).

Substantivos:

- Eu chamo *lançol* (lençol; XVI), [INFORMANTE 4, INFORMANTE 12 e INFORMANTE 22]: os informantes que utilizaram essa palavra, a pronunciaram [*lɛ̃ˈsɔʎ*] *lançol*, enquanto que a pronúncia mais recorrente no português atual é [*lɛ̃ˈsɔw*] *lençol*. Nessa palavra, tem-se dois fonemas que mantêm a pronúncia de anos atrás – /e/ e o /l/ final. A palavra *lençol* vem do latim *liteŏlum, ī: pedaço de pano, objeto de linho*, (CUNHA, 1986, p. 469).
- É *fruita* não? (fruta; XIV), [INFORMANTE 6 e INFORMANTE 22]: a palavra “*fruta*”, pronunciada por alguns dos informantes, guarda a pronúncia do português arcaico, onde ocorre a semivocalização do fonema /k/ da forma latina *fructa*, assim eles pronunciam [*ˈfruytə*] *fruita*, sendo que a forma atual é [*ˈfrutə*] *fruta*, com a queda do fonema /k/. *Fruta* vem do latim *fructa*, de *fructus, us: fruto, proveito*, (BUSARELLO, 2004, p. 119; CUNHA, 1986, p. 370). Outros exemplos ilustrativos encontramos em Coutinho (1976), como *nocte* > *noite*, *lacte* > *laite* > *leite*.
- Tinha o maior *coidado* (cuidado; século XIII), [INFORMANTE 10]: durante a pesquisa foi possível detectar a pronúncia arcaica [*koyˈdadu*] *coidado* para a palavra [*kuyˈdadu*] *cuidado*, naquela realização, a vogal /o/ preserva o timbre aberto do latim /ɔ/. *Cuidado* vem do latim *cōgītātum, ī: plano, pensamento, projecto*, (CUNHA, 1986, p. 232; TORRINHA, 1937, p. 159).
- Nessa *curreria* (correria), [INFORMANTE 10]: na pronúncia da palavra *correria*, encontramos um traço fonético semelhante à forma latina, na

comunidade de Caldeirão dos Luís, ela foi pronunciada [kuɦe'riə] *curreria*, pronunciando o segundo fonema como [u] e não como [o] como comumente se ouve – [koɦe'riə] *correria* – que é o fonema da forma latina que deu origem a palavra. *Correria* vem de *correr*, que vem do latim *cŭrrĕre*: *mover-se, deslocar-se com rapidez*, (CUNHA, 1986, p. 219 e 220; BUSARELLO, 2004, p. 76).

Adjetivos:

- Doença mais *treiçoeira* (traíçoeira; traíçoeiro, 1858; *treyçon*, século XIV), [INFORMANTE 19]: a palavra *traíçoeiro* é pronunciada na comunidade [treyso'eyfu] *traíçoeiro*, sendo que a pronúncia mais recorrente é [trɛyso'eyfu] *traíçoeiro*. Acreditamos que uma possível explicação para esse fato, é a influência da forma *treyçon*, da qual se tem registro no século XIV. *Traíçoeiro* vem de *traição*, que por sua vez vem de *trādītīo*, *ōnis*: *entrega, traição*, (CUNHA, 1986, p. 780; TORRINHA, 1937, p. 881). Outra explicação é o processo assimilatório, pelo qual, um segmento influencia a pronúncia dos segmentos que se avizinham. Assim o /i/ assimilou o /a/ fazendo com que este se realizasse como /e/ (COUTINHO, 1976).
- Fome velha *braba* (brava), [INFORMANTE 22]: Da palavra *brava*, cuja pronúncia mais comum é [b'ɾavə] *brava*, foi detectada a pronúncia [b'ɾabə] *braba*. *Bravo* vem do latim *barbārus*, *a, um*: *barbáro, rude, grosseiro*, (CUNHA, 1986, 122; BUSARELLO, ANO, p. 42). Esse fenômeno pode ser visto como a conservação do “b” do latim *barbārus*, ou como a mesma situação do vocábulo *barrer*, já explicado anteriormente.

Preposições:

- *In* minha casa (em), [INFORMANTE 1 e INFORMANTE 13]: os falantes da comunidade pronunciam [ĩ] *in*, para [ẽ] *em*. *Īn* é uma Preposição latina, (preposição com ablativo): *em, dentro de, para, contra*, (BUSARELLO, 2004, p. 137).
- *Cum* nós morar aqui (com), [INFORMANTE 1, INFORMANTE 10, , INFORMANTE 17, INFORMANTE 18 e INFORMANTE 19]: também é

guardada a pronúncia do latim [*kũ*] *cum*, quando a maioria dos falantes do português pronunciam [*kõ*] *com*. *Cum* também é uma preposição latina, (preposição com ablativo): *com, por meio de*, (BUSARELLO, 2004, p. 75).

Advérbios:

- *Adispois* andava doida (depois), [INFORMANTE 17]: foi detectada na comunidade a pronúncia [*edis'pois*] *adispois*, quando a pronúncia mais ouvida é [*de'pois*] *depois*. *Depois* vem do latim *depõst*, que originou *depos* e *depus*, o “i” ainda não foi explicado (CUNHA, 1986, p. 248). Bagno (2003, p.125) fala sobre esse tipo de arcaísmo, dizendo que a origem de *despois* (forma parecida com o arcaísmo encontrado na comunidade) é *de ex post*, e é uma forma parecida com o espanhol *después*, então possivelmente esse tipo de pronúncia arcaica ocorra por influência da forma do espanhol.
- *Cuma* é que tu diz? (como), [INFORMANTE 6, INFORMANTE 7, INFORMANTE 12, INFORMANTE 13, INFORMANTE 18 e INFORMANTE 19]: a pronúncia mais ouvida é [*kõmu*] *como*, porém alguns dos informantes pronunciam [*kũmə*] *cuma*, pronúncia do português arcaico, acreditamos que isso ocorra por influência da preposição latina *cum*. *Como* vem do latim vulgar *como*, que vem do clássico *quomodo*, (CUNHA, 1986, p. 199). A pronúncia com /u/ ainda pode ser explicada via assimilação, já que o /u/ antecede o /k/, que é posterior e, por isso mesmo, acentua o traço de posterioridade do /o/, fazendo com que este se realize como /u/ (COUTINHO, 1976).

6.2.1. O “l” em final de sílaba

Dentro do grupo dos arcaísmos fonéticos, foi identificado, na comunidade de Caldeirão dos Luís, um tipo específico de arcaísmo que se repetiu em várias palavras, que é a pronúncia do /l/ em final de sílaba como a lateral [ɫ] e não como a semivogal [w], que adquire as características da vogal /u/. Fato já explicitado no capítulo “Inovação x conservadorismo” e que também foi citado na “História interna da Língua Portuguesa”.

Faraco (2005) aborda esse aspecto característico da língua de muitos anos atrás, dizendo que o /l/ em final de sílaba era pronunciado como consoante lateral, enquanto que na

fala de gerações mais novas, ele é pronunciado como a semivogal [w]. Diz ainda que embora tenha havido esse processo que causou uma mudança sonora, as formas antigas e novas coexistem, embora as formas antigas só estejam presentes em dialetos regionais ou na fala de pessoas idosas. Assim, a realização do /l/ final como [ɫ], encontrado na comunidade de pesquisa, constitui um arcaísmo fonético. E são eles:

Verbos:

- Ainda *solta* esse gado [ˈsowtə], [INFORMANTE 8, INFORMANTE 18 e INFORMANTE 22]: pronunciada na comunidade [ˈsoɫə]. Do latim *solūtus*, *a, um: desligado, desatado, desprendido, solto*, (TORRINHA, 1937, p. 806; CUNHA, 1986, p. 733).
- Que *falta* é tirar o juízo [ˈfawtə], [INFORMANTE 20]: a pronúncia encontrada na comunidade foi [ˈfaɫə]. Do latim **fallīta*, de **fallītus, falsus*, participio de *fallīre: enganar, faltar*, (CUNHA, 1986, p. 348; TORRINHA, 1937, p. 325).

Substantivos:

- Mãe eu quero um copo de *caldo* [ˈkawdu], [INFORMANTE 19]: pronunciada na comunidade [ˈkaɫdu]. Do latim *caldus*, de *calīdus, a, um: quente, ardente, feroso*, (CUNHA, 1986, p. 140; TORRINHA, 1937, p. 116).
- É *sal* de tempero [ˈsaw], [INFORMANTE 1, INFORMANTE 3, INFORMANTE 5, INFORMANTE 6, INFORMANTE 7]: pronunciada na comunidade [ˈsaɫ]. Do latim *sal, salis: sal, água do mar*, (BUSARELLO, 2004, p. 240).
- Tava na *calçada* [kɐwˈsədə], [INFORMANTE 19]: o informante pronunciou [kɐɫˈsədə]. *Calçada* vem de *calça*, que por sua vez vem do latim vulgar **calcĕa*, de *calcĕus, ī: calçado, sapato*, (CUNHA, 1986, p. 139; TORRINHA, 1937, p. 115).

- Nem andar no *hospital* [ɔspi'taw], [INFORMANTE 19]: cuja pronúncia identificada foi [ɔspi'taʔ]. Do latim *hospitālis, e: hospitaleiro, relativo aos hóspedes*, (CUNHA, 1986, p. 416; BUSARELLO, 2004, p. 130).
- Eu chamo é *colcha* ['kowfə], [INFORMANTE 20]: que o informante pronuncia ['koʔfə]. Do castelhano *colcha*, derivado do francês *colche*, que vem do latim *collōcāre, de collocō, āvī, atum: situar, colocar, colocar na cama*, (CUNHA, 1986, p. 194; TORRINHA, 1937, p. 162).

6.2.2. Os verbos iniciados com “a”

Outro tipo específico de arcaísmo fonético identificado na comunidade de Caldeirão dos Luís foi a presença dos chamados “verbos com a-” (BAGNO, 2003, p. 122). Que, segundo Bagno (*ibid*), decorrem da existência da preposição latina “ad”, que mais tarde virou nossa preposição “a”. Essa preposição latina podia ser usada como prefixo na criação de novos verbos, e em alguns casos ficava só o “a”, perdia o “d”. Já no português, esse mesmo processo de criação de novos verbos continuou, o que deu origem a vários verbos com o “a” inicial.

Ainda segundo Bagno (2003), os verbos começados com “a” já pertenceram à norma literária clássica, mas depois foram caindo em desuso, saíram da norma padrão e hoje estão presentes em dialetos isolados, e podem ser vistos como heranças de tempos antigos da língua. Os verbos iniciados com “a” constituem assim, arcaísmos fonéticos. Na comunidade de pesquisa foram identificados os seguintes:

- Eu não me *alembra*, [INFORMANTE 1e INFORMANTE 19]: hoje a pronúncia mais comum é [lẽ'brah] *lembrar*, porém identificamos a pronúncia [ɛlẽ'brah] *alembra*. Do latim *memōrō, āvī, ātum: lembrar, recordar, memorar*, (CUNHA, 1986, p. 469; TORRINHA, 1937, p. 513).
- *Alimpa* a casa, [INFORMANTE 6]: pronunciado na comunidade com o [a] inicial [ɛlĩ'pah] *alimpar*, quando hoje a maioria dos falantes do português falam [lĩ'pah] *limpar*. Do latim *límpido, as, are: tornar claro, limpar, lavar*, (CUNHA, 1986, p. 475; TORRINHA, 1937, p. 480).

- Você *arrudiou* a cadeira (arrodilhar, século XX), [INFORMANTE 11, INFORMANTE 13, INFORMANTE 16, INFORMANTE 19 e INFORMANTE 21]: pronunciado [hode'ah] *rodear*, pela maioria dos falantes do português, mas também pronunciado com o [a] inicial na comunidade pesquisada [ɸhudi'ah] *arrudiar*. Vem de *roda*, do latim *rota*, *ae: qualquer objeto circular*, (CUNHA, 1986, p. 688).
- Você *alevantou* (século XIII), [INFORMANTE 11 e INFORMANTE 20]: pronúncia atual [lɛvã'tah] *levantar*, identificamos a pronúncia [ɸlɛvã'tah] *alevantar*. Do latim **levantāre*, de *lěvare: erguer, alçar*, (CUNHA, 1986, p. 472; TORRINHA, 1937, p. 475).
- Passarinho *avoa* (século XVI), [INFORMANTE 18 e INFORMANTE 22]: pronúncia mais recorrente atualmente [vo'ah] *voar*, os informantes pronunciaram [ɸvo'ah] *avoar*. Do latim *vōlare*, de *volō, āvī, ātum: voar, tomar vôo*, (CUNHA, 1986, p. 826; TORRINHA, 1937, p. 941)..
- Ela *ajunta* três, quatro baldes de cisco (século XIII), [INFORMANTE 16]: pronúncia identificada na comunidade, [ɸʒũ'tah] *ajuntar* para [ʒũ'tah] *juntar*. Do latim *jugō, āvī, atum: unir, juntar*, (TORRINHA, 1937, p. 456).
- Faz medo ela *apiorar*, [INFORMANTE 17]: pronunciado pela comunidade de Caldeirão dos Luís [ɸpiɔ'rah] *apiorar*, mas a pronúncia mais comum é [piɔ'rah] *piorar*. De *pior*, que vem do latim *pejor, us: pior, mais perverso*, (CUNHA, 1986, p. 606; TORRINHA, 1937, p. 615).

6.3. Registros dos Arcaísmos em Textos Antigos

Como dito anteriormente, nesse tópico da análise expomos registros de alguns dos arcaísmos encontrados na comunidade de Caldeirão dos Luís. Esses registros encontram-se em textos antigos, de modo que, comprovamos que as formas linguísticas encontradas na referida comunidade constituem realmente traços da língua de muitos anos atrás. Após os registros, colocamos o ano do documento, seguido da fonte de onde foram retirados. Encontramos:

Largar: “No próprio dia em que D. Sebastião *largou* o Tejo para a sua funesta empresa [...]” (1580; In: LÉLLIS, 1966, p. 379).

Pellejar: “[...] e lançaram hũu osso da mesa e veerom a *pellejar* hũu alãao e hũua podenga sobr’elle [...]” (século XI; In: LÉLLIS, 1966, p. 177).

Bulir: “[...] de mêdo, não ousava *bulir* nem falar.” (século XI; In: LÉLLIS, 1966, p. 363).

Arribar: “Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava *arribar* [...]” (1930; In: LÉLLIS, 1966, p. 442).

Aviamento: “[...] rogamos vos muyto que receba elle de vos acerca de todas nosas cousas aquele gasalhado e boom *aviamento* que de vos esperamos [...]” (1502; In: TARALLO, 1990, p. 191).

Cabra: “O adjunto de promotor público arreprezentou contra o suplicante *cabra* Mané Duda [...]” (1833; In: Revista Consultor Jurídico, 2002).

Cegueira: “A *cegueira* e o desatino me fizeram malbaratar os últimos tempos de tua companhia.” (1945; In: Léllis, 1966, p. 458).

Derradeira: “[...] Nos Dom Manuel etc pelo capitam moor das nossas naaos e frota que esta vez *derradeira* enviamos a essas partes [...]” (1502; In: TARALLO, 1990, p.190).

Mode: “–Em todo pé de pau há um galho *mode* a gente armar a tipóia...” (1930; In: LÉLLIS, 1966, p.442).

Preguntar: “IV. – Johan Baveca, fora da razon sodes que m’ antes fostes *preguntar* [...]” (século XIII; In: FARACO, 2005, p.17).

Fruito: “Pero omjlhor *fruito* que neela se pode fazer me parece que sera saluar esta jemte.” (1500; In: RIBEIRO, 1996, p. 38).

Brabo: “Quando o rio ficava *brabo* inchava.” (1932; In: LÉLLIS, 1966, p. 453).

In: “Nec non quidquid ratione iutis patronatos *in* dicto monaterio habeo, et habere debeo [...]”. (1316; In: TARALLO, 1990, p. 187).

Cum: “Cunsidero que o cabra Mané Duda agrediu a mulhé do Chico Bento, por quá ruía brocha pra coxambrá *cum* ella coizas [...]” (1833; In: Revista Consultor Jurídico, 2002).

Adispois: “Feita a capação, *dispois* de vinte dias o mesmo carcereiro sorte o supra cabra pra que vá imbora in paz.” (1833; In: Revista Consultor Jurídico, 2002).

Alembrear: “Mas *alembrou-lhe* uma ira que o condena [...]” (1572; In: BAGNO, 2003, p. 119).

Alimpar: “*Alimpamos* as naus, que dos caminhos [...]” (1572; In: BAGNO, 2003, p. 119).

Alevantar: “[...] e depois de se *alevantar* a dos romanos, não consentio que premanecesse, porque logo a consumio;” (1606; In: TARALLO, 1990, p. 195).

Ajuntar: “Na portagem, *ajuntaram-se* os ouvidores da portaria [...]” (1913; In: LÉLLIS, 1966, p. 395).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Supomos inicialmente que a comunidade pesquisada guarda muitas formas antigas da língua, ou seja, que a variação diacrônica faz parte da variedade linguística falada pelos moradores de Caldeirão dos Luís. Dissemos ainda que os fatores que contribuíam para isso eram o isolamento (cultural e geográfico), juntamente com a baixa escolaridade e a faixa etária dos informantes.

Após a análise dos dados, pudemos observar que os 22 informantes que moram na comunidade de Caldeirão dos Luís, que possuem baixa escolaridade e cuja idade é avançada, usam formas arcaicas da língua, já que durante a entrevista detectamos a presença de pelo menos um arcaísmo linguístico na fala de cada informante. Comprovamos assim, as hipóteses explicitadas anteriormente, e nas quais nos baseamos na realização da pesquisa.

Assim, vemos que a língua é exposta a constantes variações, e que a partir delas pode sofrer mudanças ou conservar algumas formas de períodos históricos antigos. Quanto ao conservadorismo linguístico, ele é evidente onde o isolamento geográfico ou cultural dos centros urbanos se faz presente, assim como, a vida em uma comunidade rural associada a pessoas de baixa escolaridade e de idade avançada, pode contribuir para a presença de muitos traços linguísticos considerados arcaicos, representando assim, estágios anteriores da língua, que é a variação diacrônica.

Dessa forma, por meio do estudo realizado, conseguimos responder ao questionamento levantado no início do trabalho: a vida em uma comunidade rural pode favorecer a preservação de formas arcaicas da língua nativa? De modo que, chegamos à conclusão de que a resposta é afirmativa.

Com base no que foi exposto, concluimos então que a língua acima de tudo reflete a diversidade dos grupos sociais que a utilizam, visto que ela pode ser considerada uma instituição social (MONTEIRO, 2000). Dessa forma, elementos linguísticos e aspectos socioculturais se relacionam, mostrando fatos que são marcantes de determinadas culturas de alguns grupos sociais, daí onde se fala que a língua é o reflexo de quem a utiliza.

Essas diversas variações linguísticas podem ser consideradas erros, gerando assim o preconceito linguístico, mas podem ser justificados por duas principais correntes da linguística, a Linguística Histórica e a Sociolinguística, que, aliadas a uma compreensão de

que a variação linguística é um fato comum e que suas variantes são perfeitamente aceitáveis, pode extinguir esse preconceito há tempos arraigado em nossa cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ANÔNIMO, O juiz impôs a pena de castração, 1833. In: **Revista Consultor Jurídico**, [S.l.]. 2002. Disponível em: < http://www.conjur.com.br/2002-ago03/decisao_1833_manda_castrar_homem_atrevimento>. Acesso em: 15 de jul. 2016, 13:14:10.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. 12. ed. São Paulo: contexto, 2003.

_____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007. Disponível em:<<https://escrevivencia.files.wordpress.com/2014/03/marcos-bagnopreconceito-lingc3bcc3adstico.pdf>>. Acesso em: 6 de out. 2015, 20:34:30.

BEARZOTI FILHO, Paulo. **Formação linguística do Brasil**. Curitiba: Nova Didática, 2002.

BOLOGNINI, Carmem Zink; PAYER, Maria Onice. Línguas de Imigrantes. In: Línguas do Brasil. **Revista Ciência e Cultura SBPC**. [S. l.]: [201-].

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?** 6. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

BUSARELLO, Raulino. **Dicionário básico Latino-português**. 6. ed. Florianópolis: UFSC, 2004.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CALLOU, Dinah; LEITE Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Problemas de linguística descritiva**. 17. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1998.

CARDOSO, Elis de Almeida. A formação histórica do léxico da língua portuguesa. In: SILVA, Luis Antônio da (Orgs.). **A língua que falamos** – Português: história, variação e discurso. 1. ed. São Paulo: Globo, 2005.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DUBOIS, Jean et. al. **Dicionário de linguística**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

GABAS JUNIOR, Nilson. Linguística Histórica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. 3. ed. São Paulo: Àtica, 2008.

LÉLLIS, Raul Moreira. **Português no colégio**. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

MAIA, Marcus. **Manual de linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área da linguagem**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=646-vol15vias04web-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 9 de out. 2015, 19:56:31.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala**. 9. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

RIBEIRO, Ilza. A ordem dos constituintes. In: SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (Org.). **A carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500**. Salvador: EDUFBA, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert (Orgs.). 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA NETO, Serafim da. **História do latim vulgar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1977.

TARALLO, Fernando. **Tempos Linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário latino português**. 4. ed. Porto: Gráficos Reunidos, 1937.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.

ANEXO

INFORMANTE 1:

- Estudei, mas não compensava aí eu *larguei* de estudar.
- Era ruim, eu me *afragelei*.
- Agora eu trabalho, mas é assim em casa... Assim, *in* minha casa.
- Sim, tinha outro nominho que eu chamava *cum* menino, que era bicho atentado.
- Eu num me *alembro* não.
- É *sal* de tempero.

INFORMANTE 2:

- Aí eu digo: eita menino *malino*.

INFORMANTE 3:

- É o *sal*.

INFORMANTE 4:

- Só o *laboro* da casa.
- Eu chamo *lançol*.

INFORMANTE 5:

- Eu hoje passo o dia só fazendo o *laboro* de casa mesmo.
- É o *sal*.

INFORMANTE 6:

- [...] Eu nunca me interessei de jeito nenhum mulher, eu ia e *pelejava*, *pelejava*, mas num deu.
- Aí eu tenho uma neta, que as vezes ela vem, *alimpa* a casa, somente, aí me dá uma ajudinha.
- Mas é *sal*, né?
- É *fruta*, não?
- *Gastura*, né? Uma *gastura* ruim...
- *Cuma* é que você *pregunta*?

INFORMANTE 7:

- Ei mãe eu tô rico, rico mesmo! Aí a mãe: e *cuma*?
- *Sal*.

INFORMANTE 8:

- Olha ali, tá vendo a bagunça? Tá *assuntando*?
- Estão no *aviamento* brincando.
- Todo dia é esse *rojão*, todo dia.
- Aí eu num trabalho assim, só o *laboro* de casa mesmo.

- Porque aqui num pode criar *solto*... As galinhas, não, é *solta*, é que tem legume no quintal, aí num pode *soltar* agora.

INFORMANTE 9:

- Trabalhei muito, tô toda *escambichada* de trabalhar.
- *Arribou!*

INFORMANTE 10:

- Só o *laboro* de casa mesmo.
- Disse que ele saiu uma *papulagem* com as coisas da menina na mão.
- É mandando a menina mexer pra ele, *mode* ele sentir, disse que é um *ribuliço*, Ave Maria! É *paparicada* demais, antes de nascer, e quando nascer?
- E eu tinha o maior *coidado* com ele.
- Mas quando chega o dia pode tá com o remédio na *guela*.
- Ele brincando e eu lá na cozinha escutando a *gaitada* dele aqui na sala, brincando mais Meirinha.
- Aí é nesse *rojão*, nessa *curreria*.
- Mas aí *cum* nós morara aqui e elas lá...
- Aí quando ela chegou lá ela ligou: mão agora foi que eu *dei de fé*, tem um papel aqui que precisa mãe mais pai assinar.

INFORMANTE 11:

- Você *arrudiou* a cadeira.
- Você *alevantou*, né não?

INFORMANTE 12:

- É... eu chamo *lançol* também, eu chamo *lançol*, chamo toalha de cama.
- Ah! Eu digo: deixa de ser danado menino, para de *malinar*.
- *Cuma* é que tu diz?
- *Arribou* a cadeira.
- Nam, *de primeiro* a gente chamava era *intojo*.

INFORMANTE 13:

- Galinha não tem *Cuma* criar presa, só se for *arrudiado* de tela, a não ser...
- Mas a gente luta, porque a vida da gente é assim mesmo, é *pelejar* com os bichinhos para... pra criar alguma coisa, porque viver só do compra é pesado.
- Quando ela fica *prenha* e dá os *bacurim*, que cresce, a gente já vai comendo.
- Meus filhos, que vivem em São Paulo, vivem *pelejando* para eu ir pra lá.

INFORMANTE 14:

- Estudei não, porque *de primeiro* não tinha estudo assim pra gente estudar com tempo de passar não.
- *Arribou* do lugar que tava e botou em outro.
- Eu digo que ela tá com *intojo*.
- Com *gastura*.

INFORMANTE 15:

- Aí o doutor disse: não, não *bole* mais não...
- Eu digo perigoso... oh! *Cabra* perigoso!
- Pegar ela é *arribar*?
- A política é *sebosa* em todo canto, aqui é uma *sebosidade* grande.

INFORMANTE 16:

- Eu digo: eita menino *malino*! Armaria...
- Ah... *sal*?
- Se pegar ela do chão e *arribar*?
- Fica só rodando, *arrudiando* a cadeira, né não?
- Que tá *intojando*.
- *Gastura*... eu digo: menino, comi isso, tô assim com uma *gastura*.
- Quando não tô trabalhando na roça, tô só fazendo os *laboro* de casa mesmo.
- Ela *ajunta* três, quatro baldes de cisco... o terreiro ela nunca *barreu*.
- Passarinho? *Avoa*!
- *Mode* os bichos não comer, não é nem *mode* os bichos não comer, é porque tem que ser presa mesmo, toda vida...

INFORMANTE 17:

- Pois ela tirou de lá, *adispois* andava doida caçando, não sabe onde botou mais.
- É preciso dizer, *mode* eu dizer onde bota.
- Não, por *barrer* a casa... eu num tô fazendo nada, eu *barria*.
- Assim faz medo ela *apiorar* e não ter ninguém.
- É *cum* medo das outras mulheres me carregar.
- É que ele tá *cum* vergonha.

INFORMANTE 18:

- É... mas é isso, é *intojo* mesmo.
- Você *arribou* a cadeira.
- Passarinho *avoa*.
- É *sal*.
- Pois aqui em cima tu só faz *cum* eu mesmo, *cum* dona Zefa.

- Aí é *Cuma* você diz, é que você não conhece.
- Se não fosse essas chuvadas *derradeiras*, ninguém tinha tirado mesmo não.
- Eu *pelejo* pra gostar de cuscuz, mas num gosto.
- Minha filha, *cum* eu num tá tomando café, eu num deixo feito pra não ficar *cum* aquela *cegueira*, a *cegueira* é grande.
- Agora é coragem dele, que ainda solta esse *gado*.

INFORMANTE 19:

- Não mulher, parece que ela *amojou* agora, eu não queria que ela tivesse *emprenhado* mais não, quando ela fica *prenha* que é pra ganhar...
- *Sal*, né não?
- Oxente! Você *arribou* do chão, né?
- *Arrudiou*.
- Eu digo *intojando*, né não?
- Eu acho que no mundo não tem uma doença mais *treiçoeira* que diabetes não.
- Lucia, quando eu me *alembro* do dia que José morreu...
- Ele disse: mão eu quero um copo de *caldo*.
- Nam, porque eu queria vender uma vaca, *mode* pai pagar o que tá devendo e o que sobrar eu passar no médico.
- Aí eu cheguei e *arribei* a cortina, e ele tava só o bolinho dentro da rede.
- Eu senti aquela pancada lá dentro, que era o *derradeiro* copo de água que eu ia dar a ele.
- Eu digo que ele não sabia nem andar no *hospital*.
- Aí saí, peguei a *bassoura* e a pá.
- Mas *cuma* é que num tava morto daquele jeito?
- José vou falar *cum* Rogério e *cum* menino de Josimar pra nós ir nesse instante pro *hospital*.
- Tava na *calçada*, morreu sentado na cadeira.

INFORMANTE 20:

- Eu digo que tô sentindo *gastura*.
- Uns meninos danados, que *falta* é tirar o juízo.
- Mulher eu chamo é *colcha*.
- Eu chamo *intojando*, palavra feia, mas é assim mesmo.
- *Alevantou* ela do chão.
- O passarinho *avoa*.

INFORMANTE 21:

- Eu falo é assim: *arrudiou*...
- Vinha um homem com um horror de *gado*, com uma bandeirinha acenando, aí veio um e *peitou* em uma vaca.

- E digo que o *ribuliço* foi grande.
- É tão caro gado, pra deixar *extruir*.
- É não mulher, ela é *sendeira*.

INFORMANTE 22:

- Eu ia dizer *fruta*, tava pensando: não sei se é legume ou é *fruta*.
- Não, é que aqui num pode, que é tudo *solto* e minha *greba* é longe.
- Eu chamo *lançol*.
- *Avoa!*
- Como é? Tu *arrudiar* a cadeira?
- Vixe! Eu brigo e largo *coque*.
- Um dia desses uma van *peitou*, né? Em uma vaca.
- Oh fome velha *braba!*



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- (X) Monografia
- () Artigo

Eu, **Valdisnéia Lucia de Sousa**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **Marcas do latim vulgar/português arcaico na comunidade de Caldeirão dos Luís-São José do Piauí** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 24 de janeiro de 2017.

Valdisnéia Lucia de Sousa
Assinatura